UNIVERSIDADE TIRADENTES
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E EXTENSÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO-PPED
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

JOSEFA ANGELINA DIAS SANTOS

A REPRESENTAÇÃO DA FAMÍLIA NA LITERATURA INFANTOJUVENIL: EM FOCO, A EMEF PROFESSORA MARIA CARLOTA DE MELO (2018-2023)

ARACAJU
2024

JOSEFA ANGELINA DIAS SANTOS

A REPRESENTAÇÃO DA FAMÍLIA NA LITERATURA INFANTOJUVENIL: EM FOCO, A EMEF PROFESSORA MARIA CARLOTA DE MELO (2018-2023)

Texto apresentado para ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Tiradentes – Mestrado/Doutorado, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.
Área de concentração: Educação e Formação Docente
ORIENTADOR: Prof. Dr. Rony Rei do Nascimento Silva

ARACAJU
2024

FICHA CATALOGRÁFICA:

Santos, Josefa Angelina Dias

S237r A representação da família na literatura infantojuvenil: em foco, a EMEF professora Maria Carlota de Melo (2018-2023) / Josefa Angelina Dias Santos; orientação [de] Prof. Dr. Rony Rei do Nascimento Silva – Aracaju/ SE: UNIT, 2023.

81 f.il; 30 cm

Dissertação(Mestrado em Educação) – Universidade Tiradentes 2023

1.Literatura infantojuvenil 2. Programa Nacional do Livro e do Material Didático 3. I. Santos, Josefa Angelina Dias II. Silva, Rony Rei do Nascimento (orient.). III. Universidade Tiradentes. IV. Título.

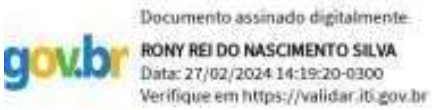
CDU: 82-93

Gislene Maria S. Dias CRB-5/1410

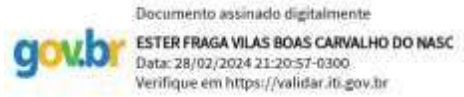
FOLHA DE APROVAÇÃO

Aprovado em 26/02/2024

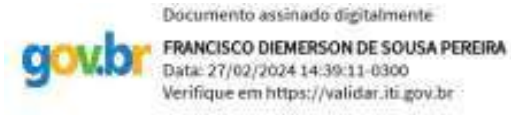
BANCA EXAMINADORA



_____
Prof. Dr. Rony Rei do Nascimento Silva **(Orientador)**
Universidade Tiradentes (UNIT)



_____
Profª (o) Drª. Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do Nascimento **(Avaliador interno)**
Universidade Tiradentes (UNIT)



_____
Prof. Dr. (a) Francisco Diemerson de Sousa **(Avaliador externo)**
Universidade Universidade de Pernambuco (UPE)

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, por ser essencial na minha vida, razão do meu viver, autor da minha existência, auxílio nas horas mais difíceis, meu guia, socorro presente na hora do sofrimento. Aos meus filhos Lucas Dias Santos e Gustavo Dias Santos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, pai celestial da minha vida, autor do meu destino, meu guia, socorro nas horas de angústia, por ter me dado saúde, força para superar as minhas dificuldades e ter iluminado o meu caminho, dando-me sabedoria nesta caminhada, a capacidade de resistir e a alegria de comemorar. Obrigada pelo seu infinito amor.

À minha família (pais, irmãos e parentes), em especial os meus filhos, Lucas Dias Santos e Gustavo Dias Santos pela cumplicidade que existem entre nós, vocês são fontes do meu equilíbrio, incentivo e amor. A minha mãe Dalvina Angelina de Matos, ao meu pai Ulisse Rodrigues Dias (In memoria) aos meus irmãos, sobrinhos, sobrinhas, cunhados, cunhadas e em especial a minha irmã Betania Angelina Dias e as minhas cunhadas Maria das Graças e Maria de Fátima que sempre me incentivaram, dando forças e torcendo pelas minhas conquistas.

Ao Grupo de Pesquisa História das Práticas Educacionais (GPHPE/CNPq/UNIT). Pelas trocas que contribuíram com minha formação. Sou grata a cada um de vocês que fazem parte desse grupo. Agradeço aos membros da Escola Municipal do Ensino Fundamental Professora Maria Carlota de Melo pela disponibilidade, atenção e contribuição com as obras literárias e todas as informações necessárias para realização desse trabalho.

À Universidade Tiradentes, seu corpo docente, direção, coordenação do curso. Ao Prof. Dr. Gregory da Silva Balthazar que esteve comigo no início dessa pesquisa, contribuindo com muitos ensinamentos. À Profª Drª. Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do Nascimento que me proporcionou incentivo, ensinamento, carinho, força e me proveu a oportunidade de aprender e produzir o presente trabalho. Em especial ao meu orientador Prof. Dr. Rony Rei do Nascimento Silva, pelo conhecimento compartilhado em tão pouco tempo, mas que foi primordial para a realização da pesquisa.

Aos meus amigos que cercam a minha vida e em especial a minha amiga Anneli Rodrigues Silva, parceira de profissão, de estudo e quem me incentivou para ingressar nesse curso. Agradeço também em especial ao meu amigo José Batista de Souza por toda força, parceria e conhecimentos compartilhados. Enfim, a todos que fizeram parte do meu ciclo de amizade que contribuíram de alguma forma para essa conquista. Gratidão aos meus colegas da turma do mestrado, pela parceria, amizade e trocas de conhecimentos.

Sigo grata!

SANTOS, Josefa Angelina Dias. **A REPRESENTAÇÃO DA FAMÍLIA NA LITERATURA INFANTOJUVENIL: EM FOCO, A EMEF PROFESSORA MARIA CARLOTA DE MELO (2018-2023)**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Tiradentes. Orientador: Prof. Dr. Rony Rei do Nascimento Silva. Aracaju, 2024.

RESUMO

Este texto está vinculado à linha de pesquisa em Educação e Formação Docente, do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPED/UNIT) e ao Grupo de Pesquisa História das Práticas Educacionais (GPHPE/CNPq/UNIT). Tem o objetivo de analisar a presença da representação de família na literatura infantojuvenil do Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) (2018-2023), nos anos iniciais (1º ano ao 5º ano) do Ensino Fundamental I, na Escola de Ensino Fundamental –Maria Carlota de Melo‖, escola pública municipal da cidade de Aracaju/SE. Diante disso, perguntamos quais os conceitos de família presentes nas obras literárias do Programa Nacional do Livro e do Didático (PNLD)? Esta pesquisa é de cunho bibliográfico e documental, com abordagem qualitativa, a partir da análise de algumas obras literárias que foram selecionadas em 2018, e distribuídas nas escolas públicas brasileiras, com base na temática em foco. Para a análise dos dados coletados, fizemos uso da Análise Cultural-Midiática com base em Steffen, Henriques e Lisboa Filho (2020). Após as analises das obras ficou evidente o quanto as obras literarias infantojuvenis do PNLD precisa incluir mais representações de familias presente na sociedade, sendo que é se suma importância a discursão na escola sobre essa temática presente na vida das crianças e que toda diversidade de família seja contemplada.

Palavras-chave: Literatura Infantojuvenil. Programa Nacional do Livro e do Material Didático. Estudos Culturais.

SANTOS, Josefa Angelina Dias. **THE REPRESENTATION OF THE FAMILY IN CHILDREN'S LITERATURE: IN FOCUS, EMEF PROFESSORA MARIA CARLOTA DE MELO (2018-2023**). Dissertation (Master's in Education) – Tiradentes University. Advisor: Prof. Dr. Rony Rei do Nascimento Silva. Aracaju, 2024.

ABSTRACT

This text is linked to the line of research in Education and Teacher Training, of the Postgraduate Program in Education (PPED/UNIT) and the History of Educational Practices Research Group (GPHPE/CNPq/UNIT). Its objective is to analyze the presence of family representation in children's literature of the National Book and Teaching Material Program (PNLD) (2018-2023), in the initial years (1st year to 5th year) of Elementary School I, at the School of Elementary School –Maria Carlota de Melo‖, public municipal school in the city of Aracaju/SE. Given this, we ask what family concepts are present in the literary works of the National Book and Didactic Program (PNLD)? This research is of a bibliographic and documentary nature, with a qualitative approach, based on the analysis of some literary works that were selected in 2018, and distributed in Brazilian public schools, based on the theme in focus. To analyze the data collected, we used Cultural-Media Analysis based on Steffen, Henriques and Lisboa Filho (2020). After analyzing the works, it became evident how much the PNLD's children's literary works need to include more representations of families present in societies, given that it is of utmost importance to have discourse at school on this theme present in children's lives and that all family diversity be contemplated.

Keywords: Children's Literature. National Book and Teaching Material Program. Cultural Studies.

LISTA DE SIGLAS

BNCC- Base Nacional Comum Curricular

CESAD- Centro de Educação Superior à Distância

ECA- Estatuto da Criança e do Adolescente

EMEF - Escola Municipal do Ensino Fundamental

ES - Estudos Culturais

FNDE - Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

MEC - Ministério da Educação

PNBE - Programa Nacional Biblioteca na Escola

PNDE - Programa Nacional do Livro e Material Didático

UFS - Universidade Federal de Sergipe

SUMÁRIO

1INTRODUÇÃO 12

1.1 Produções sobre a temática 24

2 A RELAÇÃO DA LITERATURA INFANTOJUVENIL SOBRE OS CONCEITOS DE FAMÍLIA A PARTIR DA ÓTICA DOS ESTUDOS CULTURAIS 27

2.1 Estudos Culturais e Educação: Importância dos Estudos Culturais para a Educação. 28

2.2 Pedagogias Culturais e a Literatura Infantojuvenil como Modo de Educação dos Sujeitos.....30

2.3A Família nas Práticas Culturais 31

2.4 Os tipos de famílias existentes no Brasil..... 37

3 O PANORAMA DAS OBRAS LITERÁRIAS INFANTOJUVENIL NO PROGRAMA NACIONAL DO LIVRO E DO MATERIAL DIDÁTICO (PNLD) 40

3.1 A Importância da Leitura na Literatura Infantil 42

3.2 O caminho percorrido na pesquisa.....44

4. **UM OLHAR NA REPRESENTAÇÃO DE FAMÍLIA NA LITERATURA INFANTOJUVENIL DO PROGRAMA NACIONAL DO LIVRO E DO MATERIAL DIDÁTICO **52

4.1CONSIDERAÇÕESFINAIS 77

.

REFERÊNCIAS 79

FONTES DAS OBRAS ANALISADAS 81

LISTA DE FIGURA

Figura 1: Felizes Quase Sempre 52

Figura 2: Pinóquia 54

Figura 3: Pinóquio 55

Figura 4: Pinóquia lendo 56

Figura 5: A menina inteligente 57

Figura 6: Conversa entre o marido e a esposa 58

Figura 7: Filhote de Cruz-Credo: A triste história alegre de meus apelidos 60

Figura 8: Atividades domésticas da mãe de Fabrício 62

Figura 9: As coisas simples da vida 63

Figura 10: Avó com sua neta 64

Figura 11: Momento de leitura 65

Figura 12: Momento em família 66

Figura 13: A árvore no quintal 67

Figura 14: Os tesouros de Monifa 68

Figura 15: Tem um dinossauro na minha mochila 69

Figura 16: O lenhador e a pomba 70

Figura 17: O Caminhão 72

Figura 18: Flutuantes 73

Figura 19: Quero abraço, o que é que eu faço? 74

Figura 20: Minha vida em duas casas 75

1 INTRODUÇÃO

Este texto está vinculado à linha de pesquisa em Educação e Formação Docente do Programa de Pós-graduação em Educação (PPED/UNIT), ao grupo de Pesquisa História das Práticas Educacionais (GPHPE/ CNPq/ UNIT). Cujo objetivo mais amplo é de analisar a presença da representação de família na literatura infantojuvenil do Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) (2018-2023), nos anos iniciais (1º ano ao 5º ano) do Ensino Fundamental I, na Escola de Ensino Fundamental –Maria Carlota de Melo‖, escola públicamunicipal da cidade de Aracaju/SE. Para o desenvolvimento da pesquisa, percorremos com os seguintes objetivos específicos: identificar os tipos de famílias representados nas 13 obras litérarias investigadas; verificar se os tipos de família presentes nas 13 obras literárias contenplam a diversidade existente na sociedade contemporânea; e discutir as representações de família presentes nas obras analisadas a partir da ótica dos Estudos Culturais, nos acervos distribuídos pelo PNLD. Diante disso, questionamos a representação de família presentes nas obras literárias infantojuvenil do PNLD. Neste estudo, partimos da hipótese que a representação de família é pouco discutida nessas obras.

Desde a infância, a literatura infantojuvenil tem me chamado a atenção, pois, mesmo antes de ir à escola, já fazia leituras de imagens nas obras literárias às quais tinha acesso. Outrossim, me fascinava ouvir as histórias dos contos de fadas contadas por minha irmã e de outras colegas de Coronel João Sá, uma cidadezinha do interior da Bahia onde passei toda a minha infância e uma parte da adolescência. Essas histórias eram contadas com uma riqueza de detalhes que me encantava. Era incrível como elas criavam todas as personagens e a criatividade com que contavam. Muitas dessas histórias eram contos de fadas adaptados por elas, nos quais descreviam os vestidos das princesas como sendo os mais bonitos do mundo, como as estrelas do céu – dourados com as cores do arco-íris. Também relatavam sobre as belezas dos príncipes encantados e as festas que eram proporcionadas nos belos palácios. Tudo aquilo me chamava muito à atenção, e isso ainda hoje remete à infância e ao gosto pela leitura.

Em 2004, formei-me em Pedagogia pela Universidade Tiradentes, e continuei atuando em escolas públicas e privadas, sempre procurando me aperfeiçoar na área de educação através de especializações, a exemplo de Direito Infanto-Juvenil no Ambiente Escolar (a Escola Que Protege), pela Universidade Federal de Sergipe (2017) e Psicopedagogia Institucional e Clínica, pela Faculdade de Ensino Regional Alternativa (2020). Também cursei Ciências Biológicas Licenciatura, pela Universidade Federal de

Sergipe (2021), além de ter participado de cursos de extensão como forma de melhorar minhas práticas docentes.

A literatura sempre me instigou a trabalhar com meus alunos, através de projetos de leitura e eixos temáticos por meio de atividades do cotidiano, uma vez que ela proporciona um elo de conhecimento, favorece a imaginação, a criatividade, a interpretação do texto, o debate, a visão crítica e o desenvolvimento das habilidades e competências necessárias estabelecidas pela Base Comum Curricular (BNCC).

Zilberman (1998) aborda as relações entre literatura e escola. Segundo a autora, ambas compartilham um aspecto em comum: a natureza formativa. Tanto a obra de ficção como a instituição de ensino estão voltadas à formação do indivíduo ao qual se dirigem, razão pela qual essas relações precisam ser estreitadas de diferentes formas.

As obras infantis apresentam um mundo encantado, no qual criança pode fantasiar vários elementos com seu enredo e personagens. É possível, através de um livro, realizar atividades diversas, nas quais a criança coloca sua imaginação e toda sua criatividade em prática, despertando muitas vezes o artista que está escondido dentro de si. Neste sentido, a escolha pelas obras de literatura infantojuvenil através do Programa Nacional do Livro e Material Didático, tem me provocado inquietações, sobretudo com relação à abordagem da representação da família, já que é uma temática que requer um olhar especial, uma vez que a família é o primeiro grupo social no qual a criança está inserida.

Além disso, devemos compreender que na escola existem crianças de diferentes tipos de famílias, e muitas vezes as crianças fazem questionamentos a respeito de temas voltados para essa área. A literatura é uma ferramenta muito importante para promover discussão sobre várias temáticas. Segundo Silveira; Kaercher (2013, p. 1192):

> A literatura para crianças, tradicionalmente conectada a objetivos pedagógicos e formativos, tem se aberto nos últimos anos a temáticas anteriormente a ela vedadas, o que se conecta também a mudanças sociais mais amplas. Dessa forma, se durante o século XIX e várias décadas do século XX, temas como desigualdade social, preconceitos em relação aos diferentes, problemas familiares, separação de pais, alcoolismo, apenas para citar alguns dentre outros possíveis, estavam ausentes da literatura para crianças, nas últimas décadas do século XX e início do século XXI, tal literatura tem se aberto para abrigar tais tematizações.

Dessa maneira, a literatura serve como elo de ligação para provocar reflexões, discussões e, sobretudo, entendimento, levando os estudantes à criticidades através das obras disponibilizadas por esse programa. Sendo assim, através dos acervos literários disponíveis nesse programa, foi realizada uma análise de algumas obras literárias que foram distribuídas pelo Ministério da Educação e da Cultura, através do Programa do

Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), com a finalidade de analisar se/como os discursos produzidos pela literatura infantil enraízam valores com relação aos diversos conceitos de família presentes em algumas obras. Logo, a escolha pelas obras literárias do Programa Nacional do Livro e Material Didático surgiu devido a estas serem obras que passaram por vários críticos de avaliação de qualidade pelo Ministério da Educação (MEC) e fazem parte de acervos disponibilizados nas escolas públicas, sendo de fácil acesso aos alunos e professores da rede. A pesquisa foi realizada a partir de leituras de obras literárias do Ensino Fundamental I, ou seja, do 1º ao 5º ano em uma escola pública da cidade de Aracaju/ SE.

Vale frisar, que nessa fase de desenvolvimento, a criança passa por estágios que segundo Jean Piaget (1967) dividiu em quatro Estágios , sendo o 2º estágio chamado de Pré- operatório ou simbólico (2 a 6 anos) e o 3º Estágio das operações concreto (7 a 12 anos), sendo que os anos iniciais do ensino fundamental as crianças ingressam aos 6 anos no 1ª ano e finaliza o 5º ano aos 10 anos. Conforme Piaget nessa fase da vida, as crianças começam os questionamentos e a desenvolver o senso crítico acerca do meio em que vivem, trazendo esses questionamentos para a escola. Além disso, através da literatura, podemos provocar debates, pesquisas, promover reflexão e contribuir na formação de cidadãos mais autônomos, críticos e participativos na sociedade da qual fazem parte.

Portanto, é importante que os professores demonstrem motivação para trabalhar com o tema, pois faz parte do nosso cotidiano, sendo que todos possuem família, cada uma com seu tipo particular, ou seja, tendo estruturas diferentes, por isso, essas discursões precisam estar inseridas nas escolas para formar cidadãos autônomos, críticos e reflexivos, de modo que eles possam manifestar questionamentos e posicionamentos diante da temática abordada, tornando-se, assim, mais participativos na construção de uma sociedade mais justa, sem preconceito e discriminação.

Ao realizar algumas leituras das obras literárias infantojuvenis distribuídas nas escolas públicas pelo Programa Nacional do Livro e Material do Didático, percebe-se que essa temática é relevante e precisa trabalhar ainda mais, pois é uma temática presente no cotidiano de todos os alunos, pois muitos tem família de diferentes formas, Além de ser uma temática presente na BNCC desde do primeiro ano com a habilidade (EF01HI06) que é de conhecer a história da família e da escola, usados nos livros didáticos, em projetos e em obras literárias. Sendo que essa temática ainda provoca resistência diante da diversidade cultural na qual estamos inseridos. Para Pennac (1993, p. 124):

> A contação de histórias é um momento mágico que envolve a todos que estão nesse momento de fantasia. Ao contar histórias, o professor estabelece com o aluno um clima de cumplicidade que os remete à época

> dos antigos contadores que, ao redor do fogo, contavam a uma plateia atenta às histórias, costumes e valores do seu povo. A plateia não se reúne mais em volta do fogo, mas, nas escolas, os contadores de história são os professores, elo entre o aluno e o livro. O ato de contar histórias é próprio do ser humano, e o professor pode apropriar-se dessa característica e transformar a contação em um importantíssimo recurso de formação do leitor.

Sendo assim, é de suma importância o aprofundamento dos estudos voltados para esta área do conhecimento, uma vez que é importante, para o aluno, conhecer a si mesmo e ao outro, tendo em vista uma melhor vivência em sociedade. Logo, faz-se relevante que a escola seja um espaço de convivência com essas temáticas, sobretudo através da literatura infantojuvenil, e que o professor seja o seu grande mediador.

Logo, o presente estudo tem como objetivo analisar a representação de família presentes nas obras literárias infantojuvenil do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD[1]): em foco, a EMEF Professora Maria Carlota de Melo (2018-2023), nos anos iniciais (1º ao 5º ano) do Ensino Fundamental.

1

O Decreto nº 9.099, de 18 de julho de 2017, unificou as ações de aquisição e distribuição de livros didáticos e literários, anteriormente contempladas pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) e pelo Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE). Com nova nomenclatura, o Programa Nacional do Livro e do Material Didático – PNLD também teve seu escopo ampliado com a possibilidade de inclusão de outros materiais de apoio à prática educativa para além das obras didáticas e literárias: obras pedagógicas, softwares e jogos educacionais, materiais de reforço e correção de fluxo, materiais de formação e materiais destinados à gestão escolar, entre outros.

http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=12391:pnld

Segue o quadro das fontes que serão analisadas.

Quadro 1: Obras da literatura infantojuvenil

AUTOR (a)	TÍTULO	EDITORA	ANO DE PUBLICAÇÃO
Antonio Prata	Felizes quase sempre	34 Ltda	2018 (3ª edição)
Jean Claude	Pinóquia	Livraria Ltda	2018
IIan Brenman	A menina inteligente	Folia de Letras; 1ª edição	2016
Fabricio Carpinejar Filho	Filho de Cruz-Credo	Bertrand Brasil	2018 (2ª edição)
Samara Krauss e Juan Chavetta	As coisas simples da vida	Saber e Ler	2018
Jeff Gottesfeld	A árvore no quintal Olhando pela janela de Anne Frank	Galera Record	2017 (1ª edição)
Sonia Rosa	Os tesouros de Monifa	Brinque-Book	2018
Quintin Gréban / tradução Álvaro Faleiros	Tem dinossauro na minha mochila	Berlendis & Vertecchia	2018
Lucia Hiratsuka	O caminhão	Cortez	2017
Jeanne Willis e Tony Ross	Quero um abraço o que eu faço?	FTD	2015 (1ª edição.)
Rosana Rios	Flutuantes	LCD	2015
Max Vethujs	O lenhador e a pomba	Paz e terra	2014
Fernanda Vernilo, Viviane Marques	Minha vida em duas casas	Coleção conto com você	2020

Fonte: Dados da pesquisa (2022).

Vale frisar que gêneros textuais como os contos, despertam mais interesse nessa faixa etária, razão pela qual eles devem ser mais explorados, pois através deles, as crianças aprendem, a partir das histórias, a compreender sua própria vida, com seus momentos divertidos e também tristes. De acordo com Bettelheim (1980, p. 65).

> Os contos de fadas promovem o desenvolvimento da criança, motivando-a a ser generosa e solidária, fazendo-a compreender que nem sempre as pessoas são boas e que nem sempre as situações são agradáveis. Por consequência, desperta seu senso crítico, fazendo-a refletir entre o pensar e o agir, entre o certo e o errado. Assim, a essência dos contos de fadas é abstrair conceitos formadores de caráter, uma vez que estabelece relação entre ‒bem e mal‖, ‒certo e errado‖. Seus valores são inúmeros: respeito, bondade, justiça, amizade, amor, franqueza, humildade, diferença, etc.

Vale ressaltar, que no contexto escolar, é fundamental que o docente seja conhecedor da importância do conto para o desenvolvimento da criança, proporcionando assim, discursos sobre diferentes temáticas relevantes presente na sociedade, além de contribuir com a aprendizagem significativa dos discentes, fazendo uso desse recurso

pedagógico que é tão importante nessa etapa da aprendizagem. Através dos contos é possível trabalhar problemas típicos da infância, relacionados aos sentimentos, à curiosidade, à socialização e às diferentes temáticas presentes na sociedade e que fazem parte do universo infantil. Conforme Abramovich (1997, p. 17),

> As histórias trabalham problemas existenciais típicos da infância, como medos, sentimentos de inveja e de carinho, curiosidade, dor, perda, além de ensinarem infinitos assuntos. É através de uma história que se pode descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outras regras, outra ética, outra ótica...é ficar sabendo história, filosofia, direito, política, sociologia, antropologia, etc. sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula.

A autora aborda a importância de trabalhar problemas que surgem na infância, proporcionando a abordagem e discussões através da literatura e das histórias. Dessa forma, pode-se destacar que a apresentação do tema desta pesquisa é relevante, pois traz possibilidade de abordar essa temática que está tão presente no nosso cotidiano, principalmente nos espaços escolares, onde existe uma diversidade de crianças contempladas em diferentes representações de famílias. Além de trabalhar a importância de resgatar o conto, uma vez que esse gênero de cunho literário apresenta uma realidade não lógica, pois liga a ficção à realidade, sendo narrado de tal forma que prende a atenção do leitor e ele se integra ao mundo das personagens. Para Gotlib (2006, p. 84),

> Porque cada conto traz um compromisso selado com sua origem: a da estória. E com o modo de se contar a estória: é uma forma breve. E com o modo pelo qual se constrói este seu jeito de ser, economizando meios narrativos, mediante contração de impulsos, condensação de recursos, tensão das fibras do narrar.

Além disso, acrescenta-se também a relevância científica, pois a investigação permitirá contribuir nos trabalhos acadêmicos, gerando conhecimento como fonte de consulta. A produção científica permitirá que o autor desse trabalho venha atingir certo grau de compreensão e sabedoria acerca da temática aqui abordada por meio desse processo de conhecimento. A família é para muitos a primeira instituição com a qual o ser humano tem contato, pois, logo após o nascimento, começa a interagir com os membros familiares, e muitos passam uma boa parte do seu desenvolvimento nesse universo. Assim, todos esses membros fazem parte da construção social que é a família, representada por um agrupamento de duas ou mais pessoas que vivem no mesmo ambiente, com ligações ancestrais, biológicas ou afetivas, podendo ser construída de diferentes formas, como casais heterossexuais, pessoas solteiras, casais homossexuais e outras formações, de acordo com o contexto histórico, político e econômico presente na sociedade. Conforme,

Aries (1981, p. 275),

> A família cumpria uma função, assegurava a transmissão da vida dos bens e dos nomes, mas não penetrava muito longe na sensibilidade. Os mitos, como o do amor cortês (ou precioso), desprezavam o casamento, enquanto as realidades como a aprendizagem das crianças.

Desse modo, a família foi representada por um modelo europeu cristão, formado por pai, mãe e filhos, e era chamada de família patriarcal. Cada membro da família desenvolvia uma função diferente. O pai era o provedor, o dono do poder, do autoritarismo e o responsável pelo sustento da família, sendo o único que podia trabalhar fora de casa. A mulher tinha a responsabilidade de cuidar das atividades domésticas, cuidar do marido, dos filhos e não tinha voz nas tomadas de decisões. De acordo com Engels (1984, p. 30),

> A origem etimológica da palavra família vem do latem fomulus, quer dizer escravo doméstico, e então, família é o conjunto dos escravos pertencentes e dependentes de um chefe ou senhor. Assim era a família greco-romana, formada por chefe ou senhor, por patriarca e seus famulus: esposa, filhos, servos livres e escravos.

Essa configuração de família era representada pela família extensa, formada pelo pai, mãe, muitos filhos, avós, outros parentes, além de agregados que moravam no mesmo ambiente. Depois desse modelo, surgiu a família patriarcal, que foi representada por muito tempo. Com o passar do tempo, novos arranjos familiares foram surgindo, causando grandes impactos e mudanças na sociedade. A palavra família pode ser entendida por um agrupamento entre duas ou mais pessoas que apresentam características afetivas, culturais ou ancestrais, sendo representada como uma instituição universal na sociedade. Segundo Roudinesco (2003, p. 12),

> A palavra recobre diferentes realidades. Num sentido amplo, a família sempre foi definida como um conjunto de pessoas ligadas entre si pelo casamento e a filiação, ou ainda pela sucessão dos indivíduos descendentes uns aos outros: um genos, uma linhagem, uma raça, uma dinastia, uma casa etc.

Vale ressaltar que nesse modelo patriarcal, as famílias eram formadas pelos interesses do poder, como transmissora dos bens, sem a preocupação dos laços afetivos entre os seres humanos. Mas, no decorrer da evolução, foram surgindo novas configurações de família, sendo flexíveis e plurais, baseadas nos laços afetivos entre os membros e sendo um local de relacionamento. Como afirma Engels (1984, p. 30),

> A família, diz Morgan, é o elemento ativo; nunca permanece estacionada, mas passa de uma forma inferior a uma forma superior, à medida que a sociedade evolui de um grau mais baixo para outro mais elevado. Os sistemas de parentesco, elo contrário, são passivos só depois de longos intervalos, registram os progressos feitos pela família, e não sofrem uma modificação radical senão quando a família já se modificou radicalmente.

Dessa forma, o autor aborda que sempre houve mudança na representação e nos conceitos de família, e que ainda irão surgir muitos outros, pois as pessoas mudam e a sociedade também, de acordo com o tempo, a cultura, a religião, a política e entre outras coisas. A família é a base da sociedade, conceito presente na Constituição Federal de 1988. Sendo que a sociedade é formada de várias famílias, que são cidadãos e que são os seus representantes. A maioria da população faz parte de algum grupo social que é representado por família. No entanto, infelizmente alguns não têm esse privilégio, pois, por alguns fatores, são doados para instituições de adoção e assim, alguns ficam aguardando um dia ser adotado e poder ter uma família. Para Foucault (2006, p.100),

> Quero dizer que a família é a instância de coerção que vai fixar permanentemente os indivíduos aos aparelhos disciplinares, que vai de certo modo injetá-los nos aparelhos disciplinares. É porque a família existe, é porque vocês têm esse sistema de soberania que age na sociedade sob a forma da família.

A família nuclear burguesa também conhecida como família contemporânea, teve a representação da família formada por pai, mãe e filhos, ou seja, a família nuclear (ENGELS, 1984). Esse modelo permaneceu por muitos anos e existem até hoje. Sendo que na atualidade, existe uma diversidade de família e, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), há uma pluralidade de família existente no Brasil, sendo definida como ‒conjunto de duas ou mais pessoas ligadas por laços de parentesco, consanguinidade ou adoção na unidade doméstica, residente em domicílios particulares‖.

No Brasil, nas décadas de 60 e 70, houve muitas alterações nas estruturas familiares, a exemplo da saída da mulher do lugar maternal para o mercado de trabalho, deixando de ser somente a figura de mãe e mulher do lar. Além disso, as mulheres queriam mais - queriam participar da governabilidade da sociedade. Outro fato muito importante que surgiu foi o avanço da medicina, com a chegada dos anticoncepcionais, o que causou grandes alterações nas famílias, como a diminuição do número de filhos e com isso, as mulheres começam a ganhar poder em algumas tomadas de decisões. Outro fato foi o surgimento do divorcio, causando grandes modificações nessas estruturas. (OLIVEIRA, 2023).

A família é o principal agente de socialização, e reproduz padrões culturais no

sujeito. Ela representa modos de pensar, de agir e atuar que se transformam em hábitos. É na família que apresenta o primeiro sujeito que referencia e totaliza a proteção e socialização do indivíduo. Com isso, os Estudos Culturais defendem e valorizam todas as representações culturais das famílias, pois as diversidades de família apresentam culturas variadas e todas essas culturas precisam ser exploradas e valorizadas de acordo com o tempo, o contexto histórico, econômico, religioso e político.

Atualmente, existe uma pluralidade de famílias, e ainda irão surgir outras estruturas, sendo necessário que todos sejam respeitados. Numa família, o que vale é o respeito e o amor entre as pessoas, pois a família ainda continua sendo uma instituição da qual nuitos querem fazer parte, seja de qual for o tipo. Conforme Roudinesco (2003, p. 7),

> O que aconteceu então nos últimos trinta anos na sociedade ocidental para que sujeitos qualificados altamente de sodomitas, invertidos, perversos ou doentes mentais tenham não apenas serem reconhecidos como cidadãos integrais, mas adotarem a ordem familiar que tanto contribuiu para seu infortúnio? Por que esse desejo de família, inclusive considerado que a homossexualidade sempre foi repelida da instituição do casamento e da filiação, a ponto de se tornar, ao longo dos séculos.

Vale ressaltar que a sociedade na qual estamos inseridos é diversificada e complexa, e que para existir família, não é preciso somente ser formada por homem e mulher, podendo ser construída de diferentes maneiras, como já foi mencionado no decorrer do texto. O fundamental é que essa instituição continue sendo a base da sociedade, e que traga a todos mais amor, afeto, respeito, união na construção do sujeito mais humanizado, crítico e participativo da sociedade, além de participar na formação de valores culturais, morais, éticos e espirituais dos indivíduos, passando-os de geração a geração.

Para a realização da pesquisa, metodologicamente contamos com a pesquisa do tipo bibliográfica (livros, artigos, teses, catálogos digitais e revistas). Também fazemos uso da pesquisa documental a partir de leitura das obras de literatura infantojuvenil distribuídas pelo Programa Nacional do Livro e Material Didático-PNLD (2018-2023). Para a análise dos dados coletados, fazemos uso da Análise Cultural-Midiática com base em Steffen, Henriques e Lisboa Filho (2020). Vale pontuar que a escola escolhida para realização da pesquisa foi a Escola Municipal Professora Maria Carlota de Melo, situada na Rua da Igreja s/n no bairro Povoado São José, Zona de Expansão, Mosqueiro em Aracaju – SE. Essa escola atua nos turnos matutino e vespertino com Educação Infantil e Ensino Fundamental Anos Iniciais.

Essa pesquisa está amparada na ótica dos Estudos Culturais, nas representações de família presentes nas obras literárias do PNLD, uma vez que a literatura faz parte de um

tipo de artefato que os Estudos Culturais contemplam e, além desse artefato, existem outros como as mídias, o cinema, a dança, os meios de comunicação, entre outros.

Os Estudos Culturais são caracterizados por sua natureza interdisciplinar e transitória. Buscar investigar as variedades de cada cultura e suas relações diversificadas na sociedade é um dos seus propósitos. Assim, os Estudos Culturais não configuram uma disciplina‖, mas área onde diferentes disciplinas interagem, visando o estudo de aspectos culturais da sociedade‖ (HALL *et al*,. 1980, p. 7).

Nesse contexto, não se trata de uma nova disciplina, mas de um campo de estudo onde várias disciplinas se interagem no estudo de aspectos culturais da sociedade. Os Estudos Culturais, além de investigar as várias culturas, também investigam e analisam o sócio político, tendo como objetivo o estudo da cultura de massa. Para Caldas (2008, p. 97),

> A cultura de massa consiste na produção industrial de um universo muito grande de produtos que abrangem setores como a moda, e o lazer no seu sentido mais amplo, incluindo os esportes, o cinema, a imprensa escrita e falada, os espetáculos públicos, a literatura, a música, enfim, um número muito grande de eventos e produtos que influenciam e caracterizam o estilo da vida do homem contemporâneo do meio urbano industrial.

Dessa forma, podemos perceber que a cultura está presente em todo o nosso cotidiano, sendo perceptíveis nos veículos de comunicação, na dança, no cinema, na música, na literatura e em outros artefatos. Assim, os Estudos Culturais evidenciam as expressões e significações de um povo, e defendem a cultura como toda e qualquer obra humana. Além disso, eles valorizam as diferentes formas de cultura, seja a das classes operárias, a de massa e a popular. Esses tipos de cultura não eram valorizados antes dos Estudos Culturais.

Os Estudos Culturais receberam esse nome em 1964 por Stuart Hall, quando foi inaugurado o *Centre for Contempory Cultural Studies* (CCCS) da Universidade de Bermingham. Ele deu o nome de Estudos Culturais referindo-se à forma de pensar sobre cultura. Stuar Hall dirigiu esse centro de estudo durante quatro anos (COSTA; SILVEIRA; SOMMER, 2OO3).

Os Estudos Culturais surgiram de uma necessidade política ligada a uma democratização da educação. Willing ministrava aula a uma classe de operários e esses alunos ficaram revoltados com os tipos de conteúdos disciplinados que eram ministrados e com a metodologia aplicada. Com isso, esses operários exigiram que desenvolvessem novos modos de ensino, que os conteúdos desenvolvidos também fossem modificados e que tivesse relações com a realidade de suas vidas. Segundo Costa; Silveira; Sommer (2003, p. 17):

> Os Estudos Culturais (EC) vão surgir em meio às movimentações de certos grupos sociais que buscam se apropriar de instrumentais, de ferramentas conceituais, de saberes que emergem de suas leituras do mundo, repudiando aqueles que se interpõem, ao longo dos séculos, aos anseios por uma cultura pautada por oportunidades democráticas, assentada na educação de livre acesso. Uma educação em que as pessoas comuns, o povo, pudessem ter seus saberes valorizados e seus interesses contemplados.

Assim, vale ressaltar que os Estudos Culturais estão voltados para a democratização dos saberes e da cultura, e que todas as classes devem ter acesso a esses saberes que antes eram voltados somente para as classes hierárquicas, sendo necessário que as classes operárias, de trabalhadores e de povo comum também fossem contempladas, valorizadas e inseridas na sociedade. Segundo Hall (1996, p. 263), os Estudos Culturais sempre foram acompanhados de transtorno, discussão, ansiedades instáveis e um silêncio inquietante‖.

Nesse sentido, nessa investigação, analisamos A representação de família contidas nas obras da literatura infantojuvenil *Felizes quase sempre*, *Pinóquia*, *A menina inteligente*, *Filho de Cruz-Credo*, *As coisas simples da vida*, *A árvore no quintal*, *Os tesouros de Monifa*, *Tem dinossauro na minha mochila*, *O caminhão*, *Quero um abraço o que eu faço*, *Flutuantes*, *O lenhador e a pomba* e *Minha vida em duas casas*.

Com isso, esta pesquisa está amparada pela Análise Cultural-Midiática a partir da análise de treze obras literárias selecionadas, a partir da capa e algumas imagens da parte interna do livro; de como as famílias estão sendo representadas; como os conceitos de família estão sendo abordados.

A Análise Cultural é um método de pesquisa qualitativa no campo dos Estudos Culturais, que investiga a forma como a cultura está inserida na sociedade, através das representações, de signos, da linguagem e muitos artefatos, pois ela tem como função buscar analisar imagens, textos, mídias de comunicação, entre outros artefatos que estão sendo representados na sociedade de forma ampla, buscando compreender o tempo em que os fatos estão sendo apresentados e todo o contexto social, conforme (STEFFEN; HENRIQUES; LISBOA FILHO, 2020). A representação é uma parte essencial do processo pelo qual os significados são produzidas e compartilhadas entre os membros de uma cultura. Representar envolve o uso de linguagem, de signos e imagens que significa ou representa objetos, segundo (HALL, 2001, p. 31).

Vale ressaltar que o teórico enfatiza a importância da representação e de como é produzida e compartilhada pelos indivíduos de acordo com a cultura na sociedade. Esta pesquisa também está amparada pela Análise Cultural-Midiática, uma metodologia como

base epistemológica do materialismo cultural, aplicada aos Estudos Culturais. Essa metodologia é usada nas pesquisas de forma sistemática, como protocolo de investigação, e vem sendo muito usada nas pesquisas na área das mídias de comunicação. Nesta pesquisa, será usada com mídias impressas, representadas pelas literaturas infantojuvenis. Para Steffen; Henriques; Lisboa Filho, 2020.p. 27):

> Em síntese, a análise cultural-midiática é uma estratégia teórico-metodológica que faz o contexto ganhar protagonismo, revelando bastidores que nem sempre estão explícitos e, por isso mesmo, evidenciam interesses e tensões sociais ocultos responsáveis, muitas vezes, por explicar modelos e padrões sociais vigentes que perpetuam desigualdades e preconceitos.

Nessa perspectiva, a Análise Cultural-Midiática tem a função de fazer o percurso que irá analisar a cultura existente na comunicação das mídias de forma explícita, com o objetivo de elucidar os modelos estabelecidos pelos padrões da sociedade elitizada, que usa o poder para favorecer somente a cultura estabelecida pelas classes sociais mais elevadas, desprezando as outras classes populares com preconceitos.

A pesquisa foi desenvolvida a pesquisa no Programa Nacional do Livro e Material Didático nas obras literárias de (2010-2021), para verificar como a represetação da família estava sendo abordado nas obras literárias, e identificar quais alterações haviam ocorrido nas representações da família durante o período. Mas, após ter ido à escola em busca das obras para selecionar, pude perceber que algumas obras não se encontravam presentes na escola, e a minha escolha seriam as obras literárias ali encontradas. Devido à pandemia, algumas obras foram emprestadas aos alunos, que as levaram para suas casas a fim de contemplar a leitura, promovendo a interação entre professores e alunos através dos aplicativos digitais.

Em suma, as novas obras do edital de 2018 chegaram à escola em 2021 e ainda não tinham sido usadas pelos alunos por conta da pandemia, uma vez que as aulas estavam remotas. Todavia, já na terceira visita à escola, as aulas presenciais havia retornadas com 50% dos alunos em forma de rodízios, com horário reduzido sendo no turno da manhã das 7: 00 às 10: 00 horas e o turno da tarde das 13: 00 às , 16: 00 horas e os professores já estavam usando algumas dessas obras.

Antes da segunda visita à escola, foi realizada a pesquisa através da consulta do guia eletrônico do programa e da listagem de todas as obras que abordam a temática. Foi feita uma lista das obras que iriam ser usadas nesta pesquisa. Entretanto, muitas das obras não haviam sido recebidas pela escola, pois nem sempre as obras que estão no guia são distribuídas a todas as escolas, como também nem sempre as obras que são distribuídas às

escolas são as escolhidas pelos professores, pois depende da disponibilidade do programa.

Dessa forma, foram selecionadas treze obras para desenvolver a pesquisa, e todas apresentam gênero textual conto, pois esse desperta nas crianças desta faixa etária o interesse pela leitura, favorece a criticidade, a reflexão e os questionamentos inerentes à temática abordada. Foram encontradas na escola 175 obras que chegaram deste edital de 2018, sendo que no guia digital constavam 220 obras para o 1º ao 3º ano do ensino fundamental e 180 obras para o 4º e 5º ano do Ensino Fundamental, sendo ao todo 400 obras. A quantidade de livros que a escola recebe depende do número de alunos, de acordo com o censo escolar referente ao ano anterior e os critérios que o programa estabelece.

A escola escolhida para a realização da pesquisa é uma escola pequena, possui somente cinco salas de aula, dois banheiros, um cômodo que funciona a secretaria e a diretoria, pátio pequeno e não possui quadra de esporte, nem laboratório e nem biblioteca. Os livros ficam distribuídos em cada sala em estantes, em armários e expostos em cantinhos de leitura. Essa escola funciona em dois turnos, sendo quatro turmas no período matutino – uma de Educação Infantil e três de Ensino Fundamental. Já no turno vespertino, a escola atende uma turma de Educação Infantil e quatro de Ensino Fundamental anos iniciais. A escola possui 145 alunos matriculados, distribuídos nos dois turnos.

Diante dos critérios apresentados, as obras que iremos analisar nesta pesquisa serão somente as do edital do ano de 2018, as quais se encontram na Escola Municipal Professora Maria Carlota de Melo, obras que foram distribuídas pelo Programa Nacional do Livro e Material Didático. A escolha em desenvolver esta pesquisa levou em consideração o fato de o Programa Nacional do Livro e Material Didático ser referência e aprovado pelo Ministério da Educação (MEC), que avalia a qualidade dos livros e os distribui às escolas públicas, promovendo o acesso de alunos e professores a essas obras, além de serem matérias que estão alinhados com as competências e habilidades desenvolvidas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

1.1 Produções sobre a temática

É importante situar alguns trabalhos que discutem essa temática. Neste sentido, apresentamos abaixo um quadro (1) demonstrativo sobre trabalhos que têm desenvolvido análises sobre esse tema cujas informações foram retiradas dos bancos de teses e dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e da plataforma Sucupira. Nesse levantamento bibliográfico, destacamos dissertações e teses, visto que existe uma diversidade de trabalhos em distintas áreas, a coleta foi feita

dos últimos anos. O critério para tal seleção foi o de trazer as últimas produções, indicando a importância da temática nas discussões que envolvem a literatura infantojuvenil no PNLD. Neste quadro apresentamos as dissertações e tese encontradas.

Quadro 2 – Dissertações e Teses

TITULO	AUTOR	ANO DE DEFESA/ INSTITUIÇÃO	ÁREA
Literatura infantil na escola: dos documentos oficiais para as publicações acadêmicas	Leticia Beal	Universidade Federal da Fronteira Sul /2019	Educação/dissertação
O livro dentro do livro: reflexões sobre a literatura infantil em obras do PNLD literário de 2018	Beatriz Alves de Moura	Universidade Estadual Paulista –Júlio de Mesquita /2023	Educação/dissertação
Sentidos da diferença nas obras literárias do PNLD - 2018	Beatriz Bloise Pereira Nunes	Universidade Federal do Rio de Janeiro/2019	Educação/dissertação
A escolha de livros de literatura infantil por professoras da educação infantil	Dayenne de Souza Bassut Pereira	Universidade Federal de Minas Gerais Educação/2022	Educação/dissertação
Análise de livros didáticos do PNLD/2019 para a educação infantil: imagens e gêneros	Francielly de Lima Oliveira	Universidade Federal da Fronteira Sul Campus Chapecó/2020	Educação/dissertação
Literatura infantil e formação do leitor: em busca de uma subjetividade antirracista	Araceli Simão Gimenes russo	Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho/ 2023	Letras/ tese
Composições familiares na literatura infantil contemporânea	Elesa Vanessa kaiser da Silva	Universidade Estadual do Oeste do Paraná /2021	Letras/ tese
A literatura infantil pelo olhar da criança	Maria Elisa de Araújo Grossi	Universidade Federal de Minas Gerais Faculdade de Educação /2018	Educação/ tese
Literatura infantil digital: arte, infância e tecnologia na escola	Rafaela Louise Silva Vilela	Universidade Federal do Rio de Janeiro	Educação/ tese

Os demostram como a temática vem sendo abordada no campo da educação, ressaltamos que os autores finalizam seus trabalhos indicando a importância de discutir o

tema e ao fazer isso levar os resultados para as escolas com a finalidade de pensar junto a instituição a importância dessa literatura. A utilização das obras de literatura infantojuvenil como recurso pedagógico possibilita que professores possam desmistificar as concepções historicamente construídas no meio social no qual as crianças estão inseridas.

Dessa forma, a presente dissertação organiza-se da seguinte forma: na introdução, apresentamos um panorama geral de como surgiram os meus interesses de pesquisa e de como estabeleci o objetivo, justificando o objeto e sua relevância; o problema, o objetivo geral e os objetivos específicos, bem como a metodologia aplicada na pesquisa, referenciais teóricos utilizados e a contribuição da pesquisa para o programa de Pós-Graduação da Universidade Tiradentes, seguida da apresentação da estrutura da dissertação.

A primeira seção corresponde à introdução onde apresentamos objeto de estudo, o problema de investigação, a justificativa, bem como o objetivo geral e específico. A segunda seção apresenta a relação da literatura infantojuvenil a partir de um levantamento de pesquisas na área de educação comprometido com os Estudos Culturais, através dos campos teóricos dos Estudos Culturais pelo viés de suas vertentes pós-estruturalistas, para tanto destacando-se Silveira, Hall e Foucault. São abordados também os conceitos de família a partir da ótica dos Estudos Culturais.

Na terceira seção apresentamos o panorama das obras literárias no Programa Nacional do Livro e Material Didático com o delineamento do contexto histórico do Programa Nacional do Livro e Material Didático (PNLD) (2018-2023), bem como a importância da literatura infantojuvenil e os caminhos metodológicos percorrido na pesquisa. Descreveremos também nesta seção a seleção de obras literárias que apresentam a temática a ser analisada, tendo como foco os anos iniciais do Ensino Fundamental I, disponibilizados pelo Programa Nacional do Livro e Material Didático (2018-2023).

Na quarta seção discorremos sobre a representação da família conceito nas obras de literatura infantojuvenil do Programa Nacional do Livro e Material Didático (PNLD) analizadas. A partir dela, discutimos as marcas de poder que regulam os dispositivos de manifestação da temática através da literatura acessada pelo público infantojuvenil em sala de aula.

2. A RELAÇÃO DA LITERATURA INFANTOJUVENIL SOBRE OS CONCEITOS DE FAMÍLIA A PARTIR DA ÓTICA DOS ESTUDOS CULTURAIS

O campo dos estudos culturais está voltado para a investigação de diferentes culturas e é caracterizado especificamente por ser interdisciplinar, pois explora diversas formas de criação de significados na sociedade contemporânea. Dessa forma, os estudos culturais se preocupam em estudar a produção de significados culturais que estão inseridos da sociedade contemporânea, ou seja, o que está sendo produzido pela cultura popular. Além disso, mostra o papel representado pelo poder que regula a produção de significados nas atividades cotidianas da formação da sociedade. Costa, Silveira e Sommer (2003).

A cultura é investigada e argumentada pelos estudos culturais, pois ela se configura de forma dinâmica e mais imprevisível na mudança histórica da nova sociedade, por isso, não devemos esperar que as lutas e disputas que pulsam nas relaçõe de poder deixem de ter uma forma física e compulsiva para serem mais simbólicas, progressivas e culturais. Segundo Costa, Silveira e Sommer (2003. p.36):

> Cultura transmuta-se de um conceito impregnado de distinção, hierarquia e elitismos segregacionistas para um outro eixo de significados em que se abre um amplo leque de sentidos cambiantes e versáteis. Cultura deixa, gradativamente, de ser domínio exclusivo da erudição, da tradição literária e artística, de padrões estéticos elitizados e passa a contemplar, também, o gosto das multidões.

Dessa forma, os estudos culturais não são formados por uma única disciplina, mas configuram-se em um conjunto de disciplinas, ou seja, estão voltados à interdisciplinaridade, com amplas abordagens inseridas nas disciplinas constituídas, pois é um campo de diversidades, ligado à comunicação, ao cinema, ao teatro, às artes, à literatura, à mídia, à cibercultura, à educação, entre outros. De acordo com Costa; Silveira; Sommer (2003, p. 40):

> Os Estudos Culturais disseminaram-se nas artes, nas humanidades, nas ciências sociais e inclusive nas ciências naturais e na tecnologia. Eles prosseguem ancorados nos mais variados campos, e têm se apropriado de teorias e metodologias da antropologia, psicologia, linguística, teoria da arte, crítica literária, filosofia, ciência política, musicologia.

Os Estudos Culturais surgiram na Inglaterra nos anos 1950, a partir de movimentações de um grupo social heterogêneo de pensadores, que desejavam lutar pela valorização dos saberes, dos quais emergem suas leituras de mundo, a exemplo da cultura popular, sendo contra a forma de administração do poder que estava inserida na sociedade

e lutando por uma cultura pautada por oportunidades democráticas. Esse movimento causou grandes mudanças na teoria cultural, provocando indagações na cultura e passando a ser compreendida com uma maior dimensão de possibilidades com o aparecimento dos domínios do popular. (COSTA, SILVEIRA, SOMMER, 2003).

Esses pensadores intitula essa perspectiva como Estudos Culturais, que teve como objetivo o desenvolvimento de uma teoria é uma prática de análise que aborda a cultura a partir de um parâmetro ainda não vivenciado, promovendo a valorização da cultura de massa e uma cultura democrática, onde os povos comuns têm seus saberes valorizados. Sendo assim, os Estudos Culturais são compostos por uma corrente de pensadores, e teve início entre os anos 1950 a 1960, buscando analisar a cultura para além de um simples conjunto de costumes e hábitos de uma sociedade. Seguindo o ponto de vista de intelectuais como Costa, Silveira e Sommer (2003), a cultura perpassa por todas as práticas sociais e torna-se o resultado da relação entre essas práticas e seus autores (ESCOSTEGUY, 2004).

Os Estudos culturais tiveram seu início como disciplina a partir dos estudos realizados por Raymond Williams, um crítico de literatura britânica, e pelo historiador Edward P. Thompson, em parceria com Richard Hoggart, que foi o primeiro diretor do centro de Birmingham, provocando as primeiras reflexões que iriam formar a estrutura deste campo de estudo (COSTA, SILVEIRA, SEMMER, 2003).

Em 1964, Hall entrou para o centro de Estudos Culturais a convite de Hoggart, assumindo a direção deste centro até 1968, ficando até 1979. Durante este período, ele ampliou sua visão acerca dos estudos culturais, e buscou estudar sobre a cultura e o que está ao seu redor, como as questões ligadas ao racismo, à identidade, ao gênero e ao poder presente na sociedade. ‒Os Estudos Culturais se constituíram como um projeto político de oposição, e suas movimentações sempre foram acompanhadas de transtorno, discussão, ansiedades instáveis e um silêncio inquietante‖ (HALL, 1996, p. 263).

2.1 Estudos Culturais e Educação: Importância dos Estudos Culturais para a Educação

No Brasil, os Estudos Culturais surgiram no campo da educação nos anos 1990, marcando um fato muito importante e decisivo, em 1996, com o estabelecimento de algumas vinculações que existem hoje entre Estudos Culturais e Educação. Esse fato aconteceu na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, quando foi introduzido no Programa de Pós-Graduação em Educação movimentos como linha e criação, por parte de professores como Tomaz Tadeu, a Linha de Pesquisa *Os Estudos Culturais em* Educação, conglomerando movimentos de ensino e pesquisa que não somente colocaram em diálogo

temas tradicionais em educação com os estudos culturais (como, por exemplo, os estudos curriculares), mas ampliaram profundamente os objetos e as metodologias a partir do sentido ampliado de educação que focaliza nos modos de subjetivação na cultura. Conforme Wortmann; Costa; Silveira (2015, p, 12):

> Os Estudos Culturais focalizam diferentes dimensões de educação e da cultura – nesta direção, eclodem diferentes estudos que abrangem, por exemplo, áreas como culturas infantis, as identidades juvenis, às ciberculturas, as culturas pós-coloniais, negras e indígenas, as culturas já consagradas como a literatura, a música, os filmes, a televisão, a dança, a arquitetura. Também interessa ao campo, em conexão com a educação, compreender a certos grupos, problematizando representações naturalizadas, estereótipos e preconceitos implicados no posicionamento desigual dos sujeitos.

Assim dito, e pensando na ampliação de temas e metodologias sobre conhecimentos escolares e também extraescolares, os Estudos Culturais chamam de práticas de representações o que constroem sentidos, isto é, sentidos que vão circular e através dos quais vamos nos construir. Essas práticas estão ligadas às mídias, cinema, revista, jornal, ou seja, ao que ouvimos, vemos, lemos, tudo que faz parte das atividades do nosso cotidiano e que está ao nosso redor. Porém, essas práticas nos significam, ou seja, elas começam a ditar o que é certo e o que é errado; o que é novo e o que é velho, o que é bonito e o que é feio, enfim, elas nos pedagogizam, nos marcam, nos atravessam, constituindo-nos como sujeitos.

Vale ressaltar que os Estudos Culturais vinculados ao campo educacional, possibilitam ressignificar o que entendemos por educação, pedagogia e currículo. Sendo que muitos dos significados relacionados por diferentes artefatos culturais não somente chegam às escolas como também entram em discussões sobre o que é ensinado no ambiente escolar. Segundo Paraíso (2004, p. 60), ‒uma infinidade de práticas, comportamentos, sonhos e desejos que não podem ser desconhecidos da educação‖. Dessa forma, a autora defende esses artefatos culturais, e que a educação precisa fazer parte desse processo de conhecimento.

Na atualidade, cada vez mais novas configurações culturais estão em disputa com a escola pelo privilégio sobre a educação dos sujeitos. Esses artefatos culturais e coisas do mundo funcionam como máquina de ensinar. Dessa forma, passam a ser vistas como verdadeiros currículos. Isso só é possível pelas teorias pós-críticas em educação. As teorias pós-críticas, conforme é observado por Paraíso (2004), têm efetuado importantes contribuições na nossa forma de conceber e pesquisar o currículo. Dessa forma, ela proporciona outros olhares de ver e fazer o currículo, sendo entendido como qualquer

forma de organização de conhecimentos. Segundo Silva (2002, p, 136), ‒o currículo é ‒ envolvido numa economia de afeto que busca produzir certo tipo de subjetividade e identidade social‖. Como afirma Dagmar; Merer; Paraiso (2012, p. 52):

> Cultura é entendida como o conjunto dos processos com e por meio dos quais se produz um certo consenso acerca do mundo em que se vive. É o partilhamento desse consenso que permite aos diferentes indivíduos se reconhecerem como membros de determinados grupos e não de outros. Cultura não se reduz, pois, ao conjunto de significados compartilhados, mas envolve, também, os sistemas de significação que os seres humanos (diferencialmente situados em redes de poder) utilizam para definir o que significam as coisas e para codificar, organizar e regular sua conduta uns em relação aos outros.

Com isso, os Estudos Culturais em educação têm o papel de proporcionar, compreender e problematizar outros espaços e tempos em que tem ocorrido a educação das pessoas no mundo contemporâneo, possibilitando um olhar mais ampliado sobre os processos de ensinar e aprender e sobre as práticas pedagógicas.

2.2 Pedagogias Culturais e a Literatura Infantojuvenil como Modo de Educação dos Sujeitos

A pedagogia cultural abrange além dos muros da escola. Ela está inserida em vários ambientes, diferente da pedagogia tradicional, que muitas vezes não se comunica com a realidade do aluno. A pedagogia cultural ensina de forma dinâmica, indo além da escola. Essa pedagogia é o conhecimento em parceria, que está inserido em muitos artefatos em nossa sociedade, a exemplo da mídia, revistas, cinema, programas de televisão, propaganda, músicas, literatura, entre outros.

Conforme Steinberg e Kincheloe (2001) e Nunes (2010), as pedagogias culturais são os modos como artefatos culturais produzem processos educativos em variados aspectos. Nessa ótica, a ‒educação não se limita mais a ser um sinônimo de escola, já que diversas instâncias da cultura hoje se ocupam das mais diferentes formas, em produzir, em formar, enfim, em educar sujeitos‖ (FISCHER & MARCELLO, 2011, P. 506).

Diante desse conceito cultural apresentado, pode-se dizer que as crianças e os jovens aprendem sobre o mundo e sobre a vida, diante de artefatos como a literatura, modos de ser e de viver. Elas aprendem com todos os artefatos com os quais têm acesso. Por isso, a literatura pode proporcionar muitos conhecimentos para a formação do sujeito, mas, na escola, essas leituras precisam proporcionar criticidade e fazer com que essas

crianças e jovens usem lentes além do que os olhos possam ver, explorando todos os elementos encontrados nas obras literárias, fazendo uso da pedagogia cultural.

Segundo Silva (2002, p. 89), as pedagogias culturais abrangem ―[...] qualquer instituição ou dispositivo cultural que, tal como a escola, esteja envolvido — em conexão com relações de poder — no processo de transmissão de atitudes e valores‖. A escola também é um espaço para a construção do saber e também das representações do sujeito, por isso, ela precisa andar em parceria com as diferentes pedagogias e principalmente com a pedagogia cultural, contribuindo para a formação da identidade das crianças e jovens. Nesse viés: afirma Candau (2003, p.160):

> .
> A escola é, sem dúvida, uma instituição cultural. Portanto, as relações entre escola e cultura não podem ser concebidas como entre dois pólos independentes, mas sim como universos entrelaçados, como uma teia tecida no cotidiano e com fios e nós profundamente articulados.

Desse modo, é preciso que essas relações sejam estreitadas o máximo possível, pois, dessa maneira, os alunos serão beneficiados de diferentes formas por uma escola que, para além de conhecimentos curriculares, também contempla os conhecimentos da cultura de modo amplo, algo que vai agregar significativamente na formação do aluno.

2.3 A Família nas Práticas Culturais

O conceito de família, ao longo da história da humanidade, vem passando por modificações e provocando muitas discussões na contemporaneidade, pois há quem ainda defenda apenas o conceito de família tradicional, cis-héteronormativo, nuclear, formada por pai, mãe e filhos. Hoje, existe um movimento político, sobretudo vinculado ao movimento social LGBTQIA[2]+ devido à urgência do reconhecimento jurídico e social de outros modelos de família, combatendo assim, a discriminação e o preconceito contra as diferentes estruturas familiares. Para Zilberman (2023, p. 35):

> A estrutura designada como família moderna é um acontecimento do século das luzes. Diferentes historiadores coincidem na afirmação de que foi ao redor de 1750 que se assistiu ao término de um processo iniciado

[2] Nos anos 90 a sigla GLS, que tinha significado pessoas gays, lésbicas e simpatizantes. Mas os movimentos foram surgindo e dando força e a sigla foi evoluindo a partir de inclusão de pessoas com diversas orientações sexuais e identidades de gênero. Com isso, a sigla sofreu alteração de acordo com o contexto, sendo atualmente, LGBTQIA+ que significa **Lésbica** Mulher que sente atração pelo mesmo gênero, **Gays,** São homens que sentem atração afetiva pelo mesmo gênero, **Bissexuais** Homens e mulheres que sentem atração afetivo pelo gênero masculino ou feminino, **Transgênero** o T refere-se a identidades de Genero**, Queer** são aquela pessoas que transitam entre as noções de gêneros a exemplos de drag queens, Intersexo estar entre o feminino e o masculino, **Assexual** são pessoas que não sente atração por outra pessoa. O sinal **+** significa para incluir outras identidades de gênero e orientações sexuais que não se encaixa no padrão Cis-heteronormativo.

> no final da Idade Média, com a decadência das linhagens e a desvalorização dos laços de parentesco, e culminou com a conformação de uma modalidade de família unicelular, amante da privacidade e voltada à preservação das ligações afetivas entre pais e filhos.

Nos dias atuais, o âmbito familiar é permeado por outros sentimentos, não só os de antigamente, disseminados pela cultura religiosa, como era o caso da união através do casamento visando à procriação. Na sociedade contemporânea, a família é inspirada pela busca da realização da felicidade, tendo como base a afetividade. Segundo Dias (2016, p. 33):

> Por não ser um todo igual, cada estrutura familiar se apresenta de um modo distinto, e são essas variantes que levam o indivíduo a escolher o modelo familiar que lhe parece melhor, e esse é um aspecto central, a adequação com o LAR: lugar de afeto e respeito.

Desta forma, compreendo família como um grupo de pessoas que dividem o mesmo espaço de convivência diariamente, no qual existe troca de conversas, amor e estão juntos em diversos momentos da vida, com apoio, companheirismo e promovendo momentos singulares, esses casos, prevalecem os laços afetivos. Diante dessas modificações na sociedade, novos modelos de famílias foram sendo formados, e a família tradicional nuclear, aos poucos foi deixando de ser única e dominante, pois, nos dias atuais, é evidente a pluralidade de estruturas familiares.

Na sociedade burguesa, a família era unida por laços sanguíneos e habitação em comum, sendo considerada a estrutura da família tradicional composta por pai, mãe e filhos, sendo dever do pai prover o sustento, além de ser ele o único a ter acesso ao mercado de trabalho, pois as mães eram responsáveis pelas tarefas domésticas e o cuidado com os filhos. Esse era o modelo de família que existia e que era conhecida como família patriarcal, onde o casamento era baseado através de negócios e da união eterna.

No Brasil, os primeiros grupos familiares foram formados pelos povos indígenas que viviam em grupos em aldeias, e algumas famílias eram formadas por poligamia, pois os homens que eram considerados fortes e que podiam manter famílias grandes, casavam com várias mulheres. O grau de parentesco se dava somente pelo pai, pois as mães tinham a função de procriar, ou seja, somente gerar os filhos. O casamento também servia para estabelecer relação entre aldeias e o grau de parentesco. As famílias maiores eram as mais importantes neste período; o homem já tinha o poder das tomadas de decisões e também geralmente tinha um líder maior na aldeia que era o cacique. Naquela época, já existia divisão de trabalhos entre os sexos. Aos homens cabiam às atividades de esforços intensos, como o preparo da terra para o plantio, as construções das ocas, a caça e também

a participação em guerras. As mulheres, além da atividade de dar a luz, cuidavam das crianças, semeavam, colhiam, teciam, faziam cerâmica, plantavam e cuidavam dos alimentos.

Com a chegada dos colonizadores ao Brasil, por volta de 1500, outras características familiares foram surgindo, baseadas na cultura europeia, que trazia o modelo de família patriarcal nuclear, ou seja, a família tradicional. Mas, com a mistura entre indígenas e europeus e, posteriormente, a chegada dos africanos, foram configurando novas formas de famílias, formando assim uma pluralidade de arranjos familiares, sendo estabelecida a miscigenação. Mesmo diante dessas mudanças, ainda predomina o modelo de família tradicional nuclear.

Após o Brasil ser independente de Portugal, aqui ainda continuou uma monarquia e, em 1824, foi criada a primeira Constituição Federal - a Constituição Monarquia, que traz a legalização da família, adotando a igreja católica como uma igreja oficial e, nessa época, a igreja católica tinha o total domínio exclusivo dos casamentos. Quem quisesse construir uma família legalizada, deveria casar na igreja católica, ou seja, em um casamento religioso. As outras formas de representações de família eram reconhecidas como ilegítimas, mesmo sendo marcadas pelo afeto. Os filhos que eram gerados fora dos casamentos, eram também considerados ilegítimos. (OLIVEIRA, 2023).

Na história da família brasileira, após a colonização do Brasil, as famílias representadas eram do modelo tradicional, onde o poder presente era destinado à figura masculina, e o chefe da família era dotado de todo o poder da família, sendo responsável pelo sustento e tomadas de decisão, ou seja, todo o poder da família era atribuído ao marido, chefe da família. A mulher casada era submissa ao marido, sem voz e sem poder. Suas atribuições eram cuidar do lar, dos filhos, marido e de ser uma reprodutora para aumentar a população e com isso as famílias eram grandes com muitos filhos. Com a chegada dos africanos ao Brasil, muitas africanas escravizadas trabalhavam nas casas e nas lavouras dos seus donos. Nesta época, as mulheres brancas casadas eram proibidas de trabalharem fora dos lares. Para Foucault (2006, p. 231):

> As relações de poder existem entre um homem e uma mulher, entre aquele que sabe e aquele que não sabe, entre os pais e as crianças, na família. Na sociedade, há milhares de relações de poder e, por conseguinte, relações de forças de pequeno enfrentamentos, microlutas, de algum modo.

Como menciona o autor, na família existem relações de poder, assim como também existe na sociedade, pois as formas sujeição e dominação presentes nos modelos de famílias cis-hétero centrados foram se configurando de acordo com os poderes

estabelecidos na sociedade, mas não sem tensões e resistência dos sujeitos que são convocados a se assujeitarem ao dispositivo moderno de família.

Assim dito, foi com as mudanças que surgiram na sociedade após a Revolução Industrial e também através de processos como o feminismo da primeira onda, que algumas estruturas das famílias começaram a ser modificadas, e algumas mulheres casadas passaram a ser inseridas no mercado de trabalho, ou seja, fora dos lares, ajudando os parceiros no sustento das despesas familiares e sendo algumas delas as únicas provedoras do sustento familiar. Elas começaram a trabalhar como zeladoras das fábricas e na preparação dos alimentos dos operários. Mas, mesmo assim, precisavam do consentimento do marido para trabalhar.

Com as mulheres ingressando no mercado de trabalho, elas passaram a ter uma jornada de trabalho mais ampla, pois precisavam, além de trabalhar fora do lar, cuidar dos filhos e das atividades domésticas. Como a maternidade constitui o conceito família, a mãe é a responsável pelo cuidado e educação dos filhos. Ainda hoje, a maior parte das mulheres possuem essa mesma rotina. Vale ressaltar que há inúmeras famílias chefiadas por mulheres solteiras com os filhos, e outras por homens solteiros com filhos. A Constituição Federal, em seu artigo 226, define família como a base da sociedade, reconhece a união estável como entidade familiar, podendo ser formada por qualquer um dos pais e seus descendentes e estabelece que os direitos e deveres são igualmente exercidos pelo homem e pela mulher (BRASIL, 1988).

Comprova-se que, no decorrer da evolução da família, outros fatores surgiram na sociedade, como o caso da revolução médica, a descoberta dos anticoncepcionais, a pedagogia, a legalização do divórcio e de muitas outras modificações. As famílias foram também se transformando em novas configurações, sendo que, não podemos mais falar de família como o único modelo de antigamente, pois as definições atuais de família são diferentes. Existem famílias de pais separados, chefiadas por mulheres, chefiadas por homens sem companheira, homoafetivas, extensas, uniparental, e a nuclear, que é a mais antiga. Segundo Oliveira (2023, p. 24):

> Na ideia de família, o que mais importa é pertencer ao âmago, é estar naquele idealizado lugar onde é possível integrar sentimentos, esperanças e valores, permitindo a cada um sentir-se a caminho da realização de seu próprio projeto de felicidade pessoal – a casa, o lar, a prosperidade e a imortalidade na descendência.

Assim, a família atual é formada por grupo de pessoas que residem no mesmo ambiente, ou seja, quem mora no mesmo lar. No Brasil, existe uma pluralidade de famílias, mas algumas crianças, ao nascer, já são afastadas dos seus pais biológicos por

diversos motivos, passando a ser protegidas e amparadas pelo Estado e levadas para a Vara da Infância e Juventude e, posteriormente, para o acolhimento familiar e institucional, onde irão residir até serem resgatadas por alguém da família ou serem adotadas por uma família substituta, de acordo com a base legal.

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) Lei regulamentada pela Lei Federal 8.069/1990, é o principal marco legal e regulamentar das crianças e adolescentes no Brasil, e tem a função de proteger integralmente as crianças e os adolescentes, além de definir um conceito de família, os direitos das famílias e a proteção integral das crianças e dos adolescentes. De acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente- ECA- no art. 4º

> É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária (BRASIL, 1990).

Além de especificar o dever da família, o Estatuto da Criança e do Adolescente no (art. 25) classifica e conceitua três tipos de famílias:

> Entende-se por família natural a comunidade formada pelos pais ou qualquer deles e seus descendentes (Art. 25).
>
> Entende-se por família extensa ou ampliada aquela que se estende para além da unidade pais e filhos ou da unidade do casal, formada por parentes próximos com os quais a criança ou adolescente convive e mantém vínculos de afinidade e afetividade.
>
> A família substituta é aquela para a qual menor deve ser encaminhado de forma excepcional, por meio de qualquer das três modalidades possíveis. Guarda, tutela e adoção. No art. 28. A colocação em família substituta far-se-á mediante guarda, tutela ou adoção, independentemente da situação jurídica da criança ou adolescente, nos termos desta Lei.

Com isso, mais alterações ocorreram nas estruturas familiares brasileiras, pois passaram a ser amparadas por essa lei mais três tipos de famílias, oferecendo assim, mais oportunidade às famílias que desejavam e que desejam adotar criança ou adolescente para compor uma família, além de proporcionar também às crianças e adolescentes, serem criados em um lar, com uma família acolhedora, amorosa, cuidadora, afetiva e protetora, ou seja, de acordo como os princípios de uma boa convivência familiar e do marco legal do ECA. A adoção nada mais é que inserir no seio familiar, uma criança ou um adolescente que se encontra em estado de abandono, trazendo para a vida dos envolvidos laços de afeto e amor.

De acordo com o IBGE, família é um conjunto de pessoas ligadas por laços de parentesco, dependência doméstica ou normas de convivência, residente na mesma

unidade domiciliar, ou em uma unidade domiciliar diferente. Considera, portanto, um casal como uma família, ou até a pessoa que mora só como ‒família unipessoal‖, privilegiado o domicílio comum em sua definição.

No Censo de 2010, no Rio de Janeiro, o IBGE inseriu pela primeira vez a pergunta sobre situação familiar e dos filhos nas famílias, verificando se o filho é apenas do casal, do responsável ou apenas do cônjuge, além de outras configurações. Diante disso, o IBGE identificou 16% das famílias brasileiras com formação que não são tradicionais.

Segundo o último censo de 2010, foram registradas 57 milhões de unidades domésticas. Desse total, quase 50 milhões eram habitadas por duas pessoas ou mais com parentesco. Também foi mostrado nesta pesquisa, que existem 4 milhões de unidades domésticas com famílias conviventes, proporção que subiu de 13,9%, em 2001, para 15,4% no ano do recolhimento das informações. Além do que, 91%, dessas têm apenas dois núcleos familiares, mais de 3,6 mil casas tinham cinco ou mais famílias.

Desse modo, fica bem claro que as famílias brasileiras estão sendo modificadas constantemente, mesmo tendo a amostra do último censo, que já faz um bom tempo, pois, atualmente, essas representações familiares já sofreram mais alterações. Em 2022 o Censo foi realizado no Brasil novamente por amostragem, sendo que nos questionários que foram aplicados tinha algumas perguntas sobre família, como números de membros e grau de parentescos dos membros que residiam em cada lar, mas até o presente momento não saiu resultados de classificações das famílias.

Conforme os diversos programas assistenciais do Governo Federal, tais como: o Bolsa Alimentação (art. 2º da MP nº 2.206-1, de 6 de setembro de 2001); o Bolsa Escola (art. 4º, § 1º, da Lei n] 10.219/2001); o Cartão Alimentação (art. 2º, § 3º, da lei 10.869/2003); e por fim, o Bolsa Família (art. 2º, parágrafo 1º, inciso I, da Lei nº 10.863/2004), que unifica o conceito de família empregado em todos os outros programas governamentais, como a família nuclear - que poderá ser eventualmente ampliada pela inclusão de indivíduos com qualquer espécie de parentesco e que forme um grupo doméstico, vivendo sob a mesma moradia e mantendo-se com a renda dos seus próprios membros.

Em novembro de 2021, o Programa Bolsa Família foi substituído pelo Programa Auxílio Brasil, que tem como objetivo atender famílias de extrema pobreza, ou seja, que possuam renda mensal de cem reais por pessoa. Também serão beneficiadas famílias de extrema pobreza que possuem renda mensal de 101 a 200 reais por pessoa. Para participar do programa, essas famílias precisam ter pessoas gestantes ou com idade até 21 anos. Sendo que também precisam estar cadastradas no cadastro único, e as famílias que

já eram cadastradas no Programa Bolsa família, não precisam realizar novo cadastro, pois automaticamente foi feita a migração dos cadastrados. Essas famílias são de diversos tipos, pois a prioridade são as famílias de baixa renda e mães solteiras, que precisam de ajuda para o sustento; cuidados das crianças, dos adolescentes e das gestantes.

Esses programas também têm apresentado diversas formas de famílias existentes no Brasil e, com a política pública em ajudar todas as formas de famílias que vivem em situação de desigualdade financeira, e que precisam de ajuda para cuidar das suas famílias com mais dignidade e igualdade humana e melhorar a pobreza. Na realidade, essas famílias precisam de melhores oportunidades de emprego para a melhoria financeira e igualdade social. Como enfatiza Roudinesco (2003, p. 12):

> Na primeira fase, a família dita ‖tradicional‖ serve de tudo para assegurar a transmissão de um patrimônio. Os casamentos de um patrimônio. Os casamentos são arranjados entre os pais sem que a vida sexual afetiva dos futuros esposos, em geral unidos em idade precoce, seja levada em conta. Nessa ótica, a célula familiar repousa em uma ordem do mundo imutável e inteiramente submetida a uma autoridade patriarcal, verdadeira transposição da monarquia de direito divino. Numa segunda fase, a família dita ‒moderna‖ torna-se o receptáculo de uma lógica afetiva cujo modelo se impõe entre o final do século XVII e meados do XX. Fundada no amor romântico, ela sanciona a reciprocidade dos sentidos e os desejos carnais. Por isso intermédio do casamento. Mas valoriza também a divisão do trabalho entre os esposos, fazendo ao mesmo tempo do filho um sujeito cuja educação sua nação atribuição da autoridade torna-se então motivo de uma divisão incessante entre o Estado e os pais de um lado, e entre os pais e as mães, de outro. Finalmente, a partir dos anos 1960, impõe a família dita "contemporânea" ou "pós moderna‖ que une, ao longo de uma duração relativa, dois indivíduos em busca de relações íntimas ou realização sexual. A transmissão da autoridade vai se tornando então cada vez mais problemática à medida que divórcios, separações e recomposições aumentam.

Dessa forma, é pertinente salientar que são claras as modificações das fases das famílias que a autora menciona e, com isso, percebemos que a história da família apresenta um elo de conhecimentos e que surgirão outras concepções no decorrer da evolução.

2.4 Os tipos de famílias existentes no Brasil

No Brasil, assim como em qualquer parte do mundo, existem diversas estruturas familiares, a exemplo da família matrimonial, aquela definida pela oficialização do matrimônio, seja o casamento civil ou religioso (LÔBO, 2011); a família informal, aquela

que possui a mesma formação e o mesmo amparo legal da família matrimonial, sendo baseada na união estável, não oficializada do casal (BRASIL, 2002); a família nonoparental, composta por apenas um dos progenitores pai ou mãe, sejam quais forem os motivos desse tipo de formação: morte, divórcio, abandono ou decisão voluntária (LÔBO, 2011); a família anaparental, que se refere à ausência dos progenitores, ou seja, os irmãos vivem em um mesmo ambiente sem a presença dos pais, sendo também que a mesma denominação e valores são utilizados nos casos da composição de um lar (DIAS, 2015); a família reconstruída, formada por um novo matrimônio, ou seja, quando um dos cônjuges se separa e casa novamente, formando uma nova família, unindo os filhos dos outros relacionamentos e os novos filhos formados da união do casal (LÔBO, 2011).

A família homoafetiva, caracterizada pela união de pessoas do mesmo sexo, com base no afeto, amor, respeito e comunhão de vida (LÔBO, 2011); a família unipessoal é formada por um único membro da família, ou seja, quem mora sozinho, a família do solteiro, do divorciado ou do viúvo (DIAS, 2015); concubinato, composta por duas famílias, isto é, um único homem tem duas famílias (LÔBO, 2011); mosaico, formada por pais separados que casaram novamente e que criam filhos dos dois casais, e que acabam tendo mais filhos dessa nova união (LÔBO, 2011); Eudemonista, refere-se à família que busca a realização plena entre seus membros, a reciprocidade na comunhão de afeto, além das considerações e o respeito mútuo entre os membros familiares, independentemente de vínculo biológico (DIAS, 2015). E outras famílias já foram apresentadas no decorrer do texto. Dessa forma, é notável que as representações de famílias existentes no Brasil vêm se modificando ao longo dos tempos. Segundo Ferrari; kaloustian (2002, p. 14):

> A família, da como vem se modifica e estruturando nos últimos tempos, impossibilita identificá-la como um modelo único ou ideal. Pelo contrário, ela se manifesta como um conjunto de trajetórias individuais que se expressam em arranjos diversificados e em espaços e organizações domiciliares peculiares.

Assim, é possível notar que, além de existir vários tipos de famílias no Brasil, algumas já estão legalizadas, porém, outras ainda não; são chamadas famílias culturais - aquelas que existem na sociedade, mas que não possuem proteção legal específica ainda, nem na Constituição Federal de 1988, nem no código Civil de 2002, assim também como não possuem um código ou um estatuto específico. Dessa forma, novas estruturas familiares poderão surgir, pois as pessoas ainda estão em evolução. Diante disso, precisamos quebrar alguns paradigmas, preconceitos e discriminação, pois, essas novas estruturas de famílias precisam ser amparadas por legislações e reconhecidas na sociedade contemporânea, sendo que o importante na família é que exista respeito, união e amor

recíproco, e que todos tenham seus direitos e deveres respeitados. Beatriz Preciano em seu artigo publicado em 2013, *Quem defende a criança Queer?*, aborda que a criança que Frigide Barjot pretende proteger não existe mais, porque esta criança era privada das suas próprias escolhas, ou seja, não era capaz de manifestar seu próprio desejo, sobretudo, na sua identidade de gênero.

Diante disso, ela relata sobre a história de ―Frigide Barjot‖ quando era criança, e que demonstrou pela primeira vez na escola em que estudava a sua identidade de gênero, ou seja, que era uma criança *Queer*. A escola era de freira, na França, e bem conservadora, e pregava a cultura da proibição de comportamentos de crianças com características diferentes do sexo de origem, ou seja, não aceitava que as crianças fossem *Queer*. As crianças eram fiscalizadas e educadas para serem crianças heterossexuais. Não admitiam crianças com outro tipo de comportamento e com identidade de gênero.

A autora relata também que ―Frigide Barjot‖ foi uma criança que pertencia a uma família de pais heterossexuais, os quais falavam que preferiam o filho morto do que filhos com identidade de sexo diferente. Havia ali uma menina que apresentava essas características, e sua identidade sexual foi revelada na escola, quando foi solicitado às crianças, durante a aula, que desenhassem a família que queriam formar quando fossem adultas. Essa criança desenhou a si própria, casada com a melhor amiga da turma, três filhos e uns cachorros. Diante dessa representação, os pais foram convocados à escola e sugeridos que a levassem ao psiquiatra para consertar aquela conduta enquanto havia tempo. Foi vergonhoso para os pais, pois a mãe era apontada como culpada pela situação. Os pais não podiam proteger sua filha, uma criança indefesa, pois também era uma família bem conservadora aos princípios da sociedade.

Segundo a autora, a família sofreu muito com essa situação, e a criança mais ainda, pois queria que os seus pais a protegessem, mas eles se sentiam culpados, querendo saber onde tinham errado na educação da filha. Para a sociedade, a homossexualidade era uma doença mental. Diante dos conflitos que a Frigide Barjot passou na infância, cicatrizes ficaram marcadas na vida dela por muito tempo, e ela teve dificuldade para superar essa violência. De acordo com a autora, em 2005, na Espanha, quando o governador socialista Zapatero propôs a lei do casamento homossexual, os pais da criança se manifestaram a favor dessa lei. Pela primeira vez, essa família apoiava e votava a favor do partido socialista de esquerda, pois eles se manifestaram não somente a favor do direito, mas também de reivindicar o próprio direito de ser pais de uma criança não-heterossexual. Votaram também para que todos os pais tivessem o direito paterno dos seus filhos, independentemente de sexo, gênero ou identidade de sexo Com isso, os pais queriam o direito de serem pais dos seus filhos sem preconceito e sem discriminação, com

respeito e direitos iguais. E por fim, Beatriz relata que quando era criança, muitas vezes se sentia assim, como Frigide Barjot (PRECIATO, 2013).

Esse tipo de família com crianças e adolescentes *Queer*, está presente em vários países, inclusive no Brasil, e essas famílias ainda vivem em constantes lutas para combater o preconceito e a discriminação. O importante é que todas as famílias possam viver felizes, com afeto, amor, união e respeito, ou seja, com todos os princípios da dignidade humana, pois, como aborda Azevedo (2018, p. 359), ―família somos todos. Em casa, na escola, no trabalho. Em terra nossa ou em terra estranha, é o elo familiar, seja ele qual for, que nos dá força, vida e sentido‖ (AZEVEDO, 2018. 359).

3 O PANORAMA DAS OBRAS LITERÁRIAS INFANTOJUVENIL NO PROGRAMA NACIONAL DO LIVRO E MATERIAL DIDÁTICO (PNLD)

O Programa Nacional do Livro e Material Didático foi iniciado no ano de 1996, com a distribuição de livros didáticos para as escolas públicas, após algumas reformas educacionais que ocorreram no Brasil. Antes disso, as obras literárias não faziam parte do Programa Nacional do Livro e Material Didático, mas do Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNDE), que teve início em 1997. Todavia, em 2017, houve alteração nesta nomenclatura e uma unificação com o decreto, conforme o FNDE:

> O Decreto de nº 9099, de 18 de julho de 2017, unificou as ações de aquisição e distribuição de livros didáticos e literários, anteriormente contempladas pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) e pelo Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE). Com nova nomenclatura, o Programa Nacional do Livro e do Material Didático – PNLD também teve seu escopo ampliado com a possibilidade de inclusão de outros materiais de apoio à prática educativa para além das obras didáticas e literárias: obras pedagógicas, softwares e jogos educacionais, materiais de reforço e correção de fluxo, materiais de formação e materiais destinados à gestão escolar, entre outros.

Dessa forma, o novo decreto trouxe mais benefícios ao programa, pois passou a distribuir não somente livros didáticos e obras literárias, mas outros materiais importantes para a prática educativa, contribuindo assim com a formação dos educandos das escolas que são contempladas com essas ações pedagógicas do programa. Vale ressaltar que, segundo o Fundo Nacional de Desenvolvimento (2018), o Programa Nacional do livro e Material Didático que atende às escolas públicas de educação básica, tem como objetivo disponibilizar livros e materiais didáticos de qualidade de forma gratuita para as instituições de Educação básica, como Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio.

Vale frisar que, segundo o FNDE 2018, o Programa Nacional do Livro e Material Didático tem a função de avaliar e disponibilizar obras didáticas e literárias, além de outros materiais que servem de apoio à prática educativa de forma sistemática, regular e gratuita às escolas públicas das redes federais, estaduais e municipais. Os órgãos responsáveis pela realização do PNLD são o Ministério da Educação (MEC) e o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), sendo que eles têm a função de avaliar, comprar e distribuir as obras didáticas para as escolas públicas em parceria com os correios.

A existência do PNLD justifica-se pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), elaborada em 1996, que garante, em seu artigo 4º, a distribuição de material didático como parte de dever do Estado com a educação escolar pública (BRASIL, 1996). De acordo com o PNDE, o registro da escolha do PNLD Literário 2018 foi prorrogado até às 23h59 do dia 05/11/2018, o que também chama a atenção dos professores para não perderem o prazo. Esse fato foi muito importante para a história da educação, pois essas obras foram as primeiras que os docentes tiveram a oportunidade de fazer parte das escolhas, apesar de que, mesmo assim, algumas obras escolhidas pelos docentes não foram disponibilizadas às escolas, pois dependiam da disponibilidade do programa.

Além das escolas públicas, também participam da escolha das obras literárias do PNLD as instituições comunitárias, confessionais ou filantrópicas sem fins lucrativos e conveniados com o poder público que atende a educação infantil.

De acordo com o portal do (MEC), a escolha do PNLD literário, será por categoria, sendo que, para a creche, pré-escola e para as séries iniciais do 1º ao 3º ano do Ensino Fundamental, a escolha será para sala de aula. Já para o 4º e 5º anos do Ensino Fundamental e para o ensino médio, a escolha será de acervos para a biblioteca e de 02 livros para cada aluno.

Em 2020, as escolhas das obras literárias foram destinadas aos anos finais do Ensino Fundamental. A escolha das obras deve ser realizada em conjunto com o corpo docente e dirigentes da escola, seguindo as orientações do Guia Literário do programa PNLD, considerando os critérios pertinentes à proposta pedagógica da escola e decisão democrática da escola, visando ao desenvolvimento integral do aluno.

As escolas tiveram que registrar as escolhas das obras em duas categorias, sendo a categoria 1 destinada aos estudantes do 6º e 7º, e a categoria 2 destinada aos estudantes do 8º e 9º ano do Ensino Fundamental. A quantidade de acervos dependerá da quantidade de alunos de cada instituição, conforme os dados do censo escolar do ano anterior, sendo que os acervos são destinados às bibliotecas e escolhidos por categorias. Para a categoria 1 - do

6º e 7º ano, serão destinados acervos literários à biblioteca e 02 obras para cada aluno; e para a categoria 2 - 8º e 9º ano, também serão destinados acervos nos moldes da categoria 1. As obras literárias de 2020 do PNLD são reutilizáveis. Os livros que forem destinados aos alunos, deverão ser devolvidos ao final de cada ano letivo, porque possui a duração de quatro anos. Por isso, a escola precisa promover sempre campanha de conscientização entre professores e alunos sobre a necessidade de conservação e zelo das obras.

O registro da escolha do PNLD literário 2020 foi realizado no Programa Dinheiro Direto na Escola (PDDE) interativo e no Sistema Integrado de Monitoramento Execução e Controle (SIMEC) no período de 16/09/2020 a 25/09/2020. No ano de 2022, foi realizado escolha de obras literárias para o ensino médio do PNLD. Com isso, as obras que foram aprovadas pelo programa já estão disponíveis para que os professores possam conhecer e avaliar para escolha. As obras trazem variedades de temáticas pertinentes à vivência da juventude, aliada com a BNCC. Nessas obras foi acrescentado um paratexto que fornece informações aos alunos sobre os gêneros textuais e também sobre os autores.

O PNLD também está proporcionando um Material Digital que informa que foi pensando no trabalho do professor em sala de aula, que contextualiza a informação dos livros para vivência do novo ensino médio, além de proporcionar informações de leituras complementares, atividades suplementares e outros suportes que auxiliam os estudantes para praticar a leitura crítica, criativa e propositiva.

3.1 A Importância da Literatura Infantojuvenil

A literatura está diretamente ligada ao processo ensino-aprendizagem em todos os níveis da educação básica. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) não aponta a literatura como uma disciplina específica, mas ela pode estar presente não somente nas disciplinas de Língua Portuguesa e Redação, mas em todas as outras disciplinas do currículo. De acordo com a BNCC, a literatura deve estar inserida em diversos pontos da aprendizagem, sendo explorada por diversos aspectos culturais. Conforme, CANDIDO

> A literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ele nos organiza, nos liberta do caos e, portanto, nos humaniza. Negar a fruição da literatura é mutilar nossa humanidade. (CANDIDO, 2011, p. 188)

Entre as dez competências estabelecidas pela BNCC, a literatura está presente na 3ª competência: –valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, da locais às

mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural (BRASIL, 2017, p 9). Essa competência refere-se ao papel da escola como um lugar propício para explorar as manifestações artísticas. Assim, nas escolas, os estudantes podem ter contato com diferentes obras literárias de diversas regiões do país, além de várias culturas de outros países, contribuindo com sua aprendizagem. A BNCC aponta na 9ª competência específica de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental que é preciso:

> Envolver-se em práticas de leitura literária que possibilitem o desenvolvimento do senso estético para fruição, valorizando a literatura e outras manifestações artístico-culturais como formas de acesso às dimensões lúdicas, de imaginário e encantamento, reconhecendo o potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura (BRASIL, 2017, p. 87).

Assim, é notável a importância da leitura na vida estudantil, uma vez que ela proporciona ao sujeito o desenvolvimento do senso crítico e o conhecimento das diversas manifestações artístico-culturais que rodeiam a história evolutiva da humanidade, despertando a curiosidade, o encantamento e novas experiências com as obras literárias. A BNCC também contempla a literatura e destaca sua importância para a formação de leitores. Essa categoria é definida nos seguintes termos:

> Para que a função utilitária da literatura – e da arte em geral - possa dar à sua dimensão humanizadora, transformadora e mobilizadora, é preciso supor- e, portanto garantir a formação de – leitor-fruidor, ou seja, de um sujeito que seja capaz de se implicar na leitura dos textos, de ‒desvendar‖ suas múltiplas camadas de sentido, de responder às suas demandas e de firmar pactos de leitura **(**BRASIL, 2017, p. 138).

Dessa maneira, o leitor-fruidor é aquele capaz de dialogar com diferentes obras literárias, interpretando e formulando perguntas e buscando respostas de cada história lida. Com isso, a compreensão do leitor está voltada à experiência estética subjetiva, aos ideais formativos estabelecidos e aos ideais formativos que norteiam a BNCC, sendo que o referido documento estabelece os itinerários formativos que norteiam cada etapa da educação básica.

Nesse sentido, vale ressaltar que a literatura faz parte de um universo de aprendizagem, e que a escola precisa proporcionar essa diversidade de saberes aos alunos, contribuindo na formação humana e tendo o pressuposto da formação crítica dos estudantes em cada etapa da educação básica, conforme os itinerários formativos e as competências que norteiam a BNCC. Por isso, o Currículo Escolar e o Projeto Político Pedagógico da escola deverão estar alinhados à BNCC, para desenvolver atividades que proporcionem melhor as manifestações culturais como o debate, a pesquisa, a leitura, a

produção textual, a interpretação e a arte, através da literatura infantojuvenil.

3.2 O caminho percorrido na pesquisa

Para a realização da pesquisa, a metodologia constará de pesquisa bibliográfica e documental, com abordagem qualitativa e, posteriormente, de análise qualitativa de fontes, tanto impressas, como livros e artigos, teses bem como fontes digitais, catálogos, revistas, todos eles com foco nos conceitos de família a partir da ótica dos Estudos Culturais na literatura infantojuvenil nos anos iniciais do Ensino Fundamental da rede pública, através da distribuição de literatura infantojuvenil pelo Programa Nacional do Livro e material Didático-PNLD (2018-2023).

As obras selecionadas serão contos maravilhosos, pois esse é o gênero textual que desperta mais interesse na faixa etária dos alunos estudados e também existem obras desse gênero textual no acervo sobre a temática. Faremos análises para verificar de que forma estão sendo abordados. A justificativa para a escolha da escola foi o fato de a escola sempre promover ações pedagógicas envolvendo a leitura com as obras do Programa Nacional do Livro e Material Didático em projeto de leitura, com eixos temáticos e outras ações em atividades do cotidiano, além também de ter trabalhado nessa instituição nos anos de 2019 e 2020 e permanecer com uma boa comunicação com a equipe diretiva, professores, funcionários e alunos, os quais estão sempre disponíveis para colaborar com o desenvolvimento desta pesquisa.

Essa pesquisa está amparada no Método de Análise Cultural, um método de investigação em ascensão, desenvolvido no campo dos Estudos Culturais, que abrange vários campos da cultura de forma interdisciplinar, permitindo ao pesquisador diferentes olhares e possibilidades. Para Wortmann, Costa e Silveira (2015, p. 34), ‒as análises dos ECE têm se voltado a um território de pesquisa anteriormente negligenciado, que questiona a produtividade da cultura nos processos educativos em curso na sociedade de hoje‖.

Alguns intelectuais britânicos, no final dos anos 50 a 60, entre eles, Richard Hoggart, Raymond Williams, Edward. P. Thompson e, tempos depois, Stuart Hall, insatisfeitos com os problemas políticos da época, e com um olhar atento e crítico na forma de ver a representação da cultura naquele contexto social, demarcado pelo poder da elite, foi responsável pela criação dos estudos culturais. (ESCOSTEGUY, 2004)

Com isso, esses intelectuais que faziam parte da política de esquerda, passaram a ter um olhar voltado para as classes operárias e para os trabalhadores - que era

discriminada como se não houvesse cultura. Com isso, eles aderiram a uma política de esquerda. Com o surgimento dos Estudos Culturais, as classes operárias passaram a ser vistas também como contribuintes de uma produção cultural, uma vez que a cultura se relaciona com várias formas de representações, e presente em todas as classes sociais. Esses intelectuais também estavam inseridos em um projeto de transformações do social, que buscava compreender tanto as formas de dominação como as de resistências da sociedade. Segundo Costa; Siveira; Sommer, 2003, p. 23):

> [...] É na esfera cultural que se dá a luta pela significação, na qual os grupos subordinados procuram fazer frente à imposição de significados que sustentam os interesses dos grupos mais poderosos. Nesse sentido, os textos culturais são o próprio local onde o significado é negociado e fixado.

Dessa forma, a análise cultural busca compreender como a cultura está sendo representada na sociedade e quais aspectos estão sendo negligenciados, pois a cultura apresenta uma riqueza de conhecimentos que muitas vezes não são vistos ou valorizados como deveriam. Por isso, a análise cultural tem como finalidade proporcionar um olhar atento e cuidadoso para investigar como estão sendo essas representações nas diversas áreas da sociedade, já que a cultura está presente em todas as áreas e tem funções importantes.

Como afirma Kellner (2001, p. 29) –a cultura está desempenhando um papel cada vez mais importante em todos os setores da sociedade contemporânea, com múltiplas funções que vão do econômico ao social‖. Isso é bastante significativo, tendo em vista que as pessoas, ao perceberem as mudanças que vêm com essa preocupação dos Estudos Culturais, vão sentir-se mais seguras e confiantes de si mesmas e de suas possibilidades.

Vale ressaltar que a definição de cultura é bem complexa na sociedade, pois existem muitas maneiras de representações, de ver a cultura nas diversas áreas e nos diferentes artefatos que a representa, sendo necessário levar em consideração o contexto social, o tempo e as representações dos diferentes grupos/sujeitos. Ou seja, a análise cultural proporciona investigar as diversas formas de representações da cultura na sociedade, possibilitando que o cidadão tenha acesso a diferentes bens culturais e a perceber que a diversidade cultural existente ao seu redor é fator preponderante para a ampliação de sua cultura pessoal.

Assim, a análise cultural foi desenvolvida a partir do materialismo cultural, e foi criada por Raymond Williams, um sujeito com uma visão muito abrangente enxergando a cultura sob diversas perspectivas. O materialismo cultural foi criado a partir de um modelo marxista para interpretação da cultura em seus diversos aspectos, por isso ele faz parte do

método de investigação de pesquisa no campo dos Estudos culturais. Para Cevasco (2023, p.116):

> O materialismo cultural, a linguagem e a comunicação são forças sociais formadoras em interação com instituições formas relações formais, tradições. Trata-se de uma teoria da cultura como um processo produtivo, material e das práticas específicas (as artes) com usos sociais de meios de materiais e produção. Além dos significados estabelecidos, o materialismo cultural abre aos estudos culturais a possibilidade de descrever com acuidade o funcionamento da cultura na sociedade contemporânea e de buscar as formas emergentes que virão.

Com isso, esse método apresenta um olhar crítico para interpretar a cultura de forma ampla e o que está por trás das lentes, que muitas vezes passam despercebidas por alguns, mas, no campo dos estudos culturais, analisa a cultura de forma geral, explorando os diversos elementos que compõem o produto da cultura. Assim, a análise cultural é um método de pesquisa qualitativa no campo dos estudos culturais, que investiga a forma como a cultura está inserida na sociedade, através das representações, de signos, da linguagem e muitos artefatos, pois ela tem como função buscar analisar imagens, textos, mídias de comunicação, entre outros artefatos que estão sendo representados na sociedade, buscando compreender o tempo em que os fatos estão sendo apresentados e todo o contexto social. Conforme Hall (2001, p. 31):

> Representação é uma parte essencial do processo pelo qual os significados são produzidas e compartilhadas entre os membros de uma cultura. Representar envolve o uso de linguagem, de signos e imagens que significa ou representa objetos.

Dessa forma, a representação está ligada à linguagem, e juntas, formam a cultura, que é dinâmica, e se atualiza de acordo com a evolução que ocorre na sociedade. Podemos perceber que a linguagem de outro tempo, muitas vezes já foi modificada, algumas deixando de ser usadas, dando lugar a outras, tendo em vista que a cultura é dinâmica. Contudo, a análise cultural procura investigar o que na cultura foi ou está sendo escondida, calada ou negligenciada. Nessa perspectiva para Araujo; Mota; Neto (2012, p. 126):

> A cultura é como sistema de significados, seja diferenciada dos demais e estudada como sistema de signos mais específico, sem isolá-la ou separá-la dos demais, até porque, do ponto de vista do autor, isto é impossível. O sistema cultural está inter-relacionado ao econômico, político e geracional (de parentesco e de família), que fazem parte de um sistema maior: o social.

Assim, a análise cultural busca entender e explorar os mais variados elementos que compõem o produto cultural, investigando como são formados, atrelando-os às práticas, padrões vividos e explorados de forma ampla em um determinado contexto social, problematizando a construção, desconstrução e atualização das representações culturais.

Esta pesquisa também será amparada pela Análise Cultural-Midiática, uma metodologia como base epistemológica do materialismo cultural, aplicada aos estudos culturais. Essa metodologia é usada nas pesquisas de forma sistemática, como protocolo de investigação, e vem sendo muito usada nas pesquisas na área das mídias de comunicação. Nesta pesquisa, será usada com mídias impressas, representadas pelas literaturas infantojuvenis. Como afirma Steffen; Henriques; Lisboa Filho (2020, p. 27):

> Em síntese, a análise cultural-midiática é uma estratégia teórico-metodológica que faz o contexto ganhar protagonismo, revelando bastidores que nem sempre estão explícitos e, por isso mesmo, evidenciam interesses e tensões sociais ocultos responsáveis, muitas vezes, por explicar modelos e padrões sociais vigentes que perpetuam desigualdades e preconceitos.

Nessa perspectiva, a Análise Cultural-Midiática tem a função de fazer o percurso que irá analisar a cultura existente na comunicação das mídias de forma explícita, com o objetivo de elucidar os modelos estabelecidos pelos padrões da sociedade elitizada, que usa o poder para favorecer somente a cultura estabelecida pelas classes sociais mais elevadas, desprezando as outras classes populares com preconceitos.

Essa metodologia está direcionada ao campo de estudo nas mídias de comunicação, sejam elas impressas ou não, mas nesta pesquisa, iremos usar as mídias impressas, representadas pelas obras literárias disponibilizadas nos acervos de escolas públicas, pelo Programa Nacional do Livro e Material Didático. Para Steffen; Henriques; Lisboa Filho (2020, p. 27):

> A pesquisa ao ser direcionada para esfera mediática, a análise cultural permite pensar as relações humanas no contexto de inter-relação com mídias as, as quais ocupam um importante lugar na concepção e ação cultural dos sujeitos.

Assim, através dos Estudos Culturais em educação, será analisado o que em alguns momentos não é percebido no campo da educação, a respeito da formação das identidades do sujeito, usando a literatura para entender de que forma o conceito de família está sendo abordado. Trata-se de um caminho de mão dupla para a construção da identidade, pois muitas dessas vivências são trazidas de casa e acabam refletindo na escola. Assim, os

profissionais da educação precisam ser mediadores desse conhecimento. Por isso, analisar as obras literárias que as crianças e professores das escolas públicas têm acesso através do Programa Nacional do Livro e Material Didático é de suma importância para o alcance do objetivo proposto.

Inicialmente, a pesquisa versava sobre *Orientação sexual na literatura Infanto-juvenil do Programa Nacional do Livro e Material Didático*. Porém, ao fazer um levantamento das obras com essa temática no guia do programa, não foram encontrados materiais suficientes. As obras do edital de 2018 não apresentam claramente essa temática, mas, em algumas obras, se olharmos com lentes que os olhos nus não conseguem enxergar, podemos encontrar algo. Diante disso, houve a necessidade de mudança de temática, passando a pesquisa a investigar a representação da familia na literatura infantojuvenil do Programa Nacional do Livro e do material didatico (2018 --2023).

O início da pesquisa se deu, primeiramente, por uma pesquisa bibliográfica no guia de escolha das obras literárias no *site* do Programa Nacional do Livro e Material Didático, as quais apresentavam a temática sobre família. Com isso, foi feita a primeira seleção das obras disponíveis no guia destinadas ao Ensino Fundamental dos anos iniciais. As obras estão separadas em dois níveis: do 1º ao 3º ano, e do 4º ao 5º ano. Após essa seleção e, de posse de uma lista com as obras selecionadas para a pesquisa, o passo seguinte foi ir à escola para realizar a pesquisa exploratória - a busca das obras selecionadas.

Na escola, após uma conversa e apresentação do projeto de pesquisa à equipe diretiva, foi solicitada a autorização para a realização da pesquisa, que será de cunho exploratório e bibliográfico, com abordagem qualitativa. A equipe diretiva foi muito cordial, autorizando a pesquisa e disponibilizando todo o acervo que havia chegado à escola através do edital de 2018. Por conta da pandemia, essas obras ainda não haviam sido usadas pelos professores, nem pelos alunos, pois eles estavam em casa, em atividades remotas.

As buscas foram iniciadas pelas obras que haviam sido selecionadas, porém, muitas delas não tinham vindo nas coleções disponibilizadas para essa escola, pois nem sempre os livros que estão disponíveis no guia de escolha ou mesmo os livros escolhidos pelos professores da escola, são os mesmos distribuídos para as escolas, dependendo da disponibilidade do programa para cada escola, seguindo critério do número de alunos, referente ao censo escolar do ano anterior.

Assim, as obras foram selecionadas entre as que estavam disponíveis na escola, referentes à temática da pesquisa, especialmente as que apresentavam o gênero textual *Conto,* pois foram as que mais chamaram atenção do pesquisador, por apresentar narrativas que despertam nas crianças o gosto da leitura e discussões melhores de serem

trabalhadas com alunos dos anos iniciais. Desta busca foram selecionadas treze obras para serem analisadas nesta pesquisa. Segue abaixo o quadro com a lista das obras e suas respectivas informações.

Os livros selecionados foram lidos. E, a partir de sua leitura, foram localizados os seguintes critérios/categorias de análise.

Quadro 3: Categorias de Análise presentes nas Obras de Literatura Infantojuvenil

TÍTULO	**CONCEITO DE FAMÍLIA**	**TIPOS DE FAMÍLIAS REPRESENTADAS (4 tipos)**
Felizes quase sempre	A família nuclear é restrita ao casal e a sua prole. (DIAS, 2015, P. 30) Segundo Dias, Família extensa ou ampliada é estabelecida no (ECA 25 parágrafo único: ‒aquela que se estende para além da unidade pais e filhos ou da unidade do casal, formada por parentes próximos com os quais a criança ou adolescente convive e mantém vínculos de afinidade e afetividade.‖ (DIAS, 2015 p. 142) ‒O conceito de família monoparental, elencou como entidade familiar a comunidade formada por qualquer dos pais e seus descendentes ‒(CF 226 § 4.0) (DIAS, 2015 p. 145)	- Nuclear - Extensa ou ampliada Monoparental
Pinóquia		- Monoparental
A menina inteligente	‒O enlaçamento dos vínculos familiares constituídos por um dos genitores com seus filhos, no âmbito da especial proteção do Estado, subtrai a conotação de natureza sexual do conceito de família‖ (DIAS, 2015, P, 139)	- Monoparental - Nuclear
Filho de Cruz-Credo	‒Quanto a família conjugal dita ‒nuclera‖ ou ‒restrita‖ tal como conhecemos hoje em	– Nuclear

	dia no Ocidente, trata-se da consumação de uma longa evolução no século XVI ao século XVIII durante a qual o núcleo pai- mãe - filho(s)‖. (RUNESCO, 2023,p 13)	
As coisas simples da vida	−Quanto a família conjugal dita −nuclera‖ ou −restrita‖ tal como conhecemos hoje em dia no Ocidente, trata-se da consumação de uma longa evolução no século XVI ao século XVIII durante a qual o núcleo pai- mãe - filho(s)‖. (RUNESCO, 2023,p 13)	- Nuclear
A árvore no quintal: olhando no quintal	A família nuclear é restrita ao casal e a sua prole. (DIAS, 2015, P. 30)	- Nuclear
Os tesouros de Monifa	Entende-se por família natural a comunidade formada pelos pais ou qualquer deles e seus descendentes. (ECA, Art. 25) (BRASIL, 1990, P. 04)	- Extensa
Tem dinossauro na minha mochila	−É a entidade formada por um ascendente e seus descendentes, qualquer que seja a natureza da filiação ou do parentesco, (§ 1º Estatuto da familia). (BRASIL, 2013, P. 41)	- Monoparental
O caminhão	−Entende-se por família extensa ou ampliada aquela que se estende para além da unidade pais e filhos ou da unidade do casal, formada por parentes próximos com os quais a criança ou adolescente convive e mantém vínculos de afinidade e afetividade.‖ (Paragrafo único, art. 25, ECA)(BRASIL)	- Extensa
Quero um abraço o que eu faço?	Composta por apenas um dos progenitores pai ou mãe, sejam quais	- Monoparental

	forem os motivos desse tipo de formação: morte, divórcio, abandono ou decisão voluntária (LÔBO, 2011)	
Flutuantes	–É a entidade formada por um ascendente e seus descendentes, qualquer que seja a natureza da filiação ou do parentesco, (§ 1º Estatuto da familia). (BRASIL, 2013, P. 41)	-Monoparental
O lenhador e a pomba	A família nuclear é restrita ao casal e a sua prole. (DIAS, 2015, P. 30)	- Nuclear
Minha vida em duas casas	–Estrutura familiar originada no matrimõnio ou união de fato de um casal, no qual um ou ambos de seus integrantes têm filhos provenientes de um casamento ou relação prévia‖. (DIAS, 2015, p. 141)	- Composta, Puriparental

Fonte: Dados da pesquisa (2022).

O quadro acima refere- se as representações de família encontradas nas obras literárias infantojuvenil do programa Nacional do Livro e do Material Didático , encontradas na EMEF Professora Maria Carlota de Melo , as quais foram selecionadas para compor essa pesquisa e que que apresenta o gênero de conto e destinada aos anos inicias (1 ao 5 ano do Ensino Fundamental, apresentando quatro tipos de representações de famílias e quatro tipos de conceitos de família encontrados nas trezes obras.

4 UM OLHAR SOBRE A REPRESENTAÇÃO DA FAMÍLIA NAS OBRAS LITERÁRIAS INFANTOJUVENIL DO PROGRAMA NACIONAL DO LIVRO E DO MATERIAL DIDÁTICO

Os escritos a seguir são análises das obras literárias infantojuvenis selecionadas no edital de 2018, do PNLD, disponibilizada para a rede pública, encontrada na Escola Municipal de Ensino Fundamental Professora Maria Carlota de Melo, localizada no município de Aracaju/SE. Discorremos o que foi analisado durante a pesquisa, a exemplo das observações de como as famílias estão representadas nessas obras. Dentre as categorias trabalhadas no PNLD, destacam-se a descoberta de si, família, amigos e escola e, dentre essas, selecionamos família para análise. Tendo em vista que o PNLD litérário, é uma política pública voltada para a formação do leitor, é de suma importância desenvolver pesquisas voltadas para a análise dos encaminhamentos acerca da utilização das obras literárias destinadas ao público infantojuvenil.

No período de levantamento de dados para esta pesquisa, foram identificadas diversas obras que, embora não mencionem a palavra família no título, tratam do tema com criatividade e competência, como em algmas obras a seguir.

Figura 1: Felizes Quase Sempre

Fonte: Google (2023).

O livro Felizes Quase Sempre, do autor Antonio Prata, narrra a continuidade dos contos de fadas, clássicos da literatura infantil, trazendo o príncipe e a princesa como

personagens principais, evidenciando a ideia da vida como um verdadeiro conto de fadas. Neste mundo de faz de contas, eles brincavam de adivinhar as figuras, tomavam banho de cachoeira, andavam a cavalo, comiam frutas do pomar, etc. Isso ocorria cotidianamente, como um sonho sem fim.

Neste viés, o autor propõe aos leitores uma reflexão de como é a vida dos personagens do conto de fadas, sempre finalizando a história com os personagens vivendo felizes para sempre. É como se a felicidade fosse durar a vida inteira, a partir de uma relação quase perfeita, onde a princesa acorda ao lado de um príncipe encantado, criando expectativas de uma realidade que não existe. A natureza é plena, e o sol brilha bem forte no meio do céu azul, onde as nuvens quase não aparecem, nem ofuscam a felicidade do casal.

Sendo assim, nota-se o quanto a obra também retrata, no decorrer da narrativa, a junção de alguns outros contos como *Rapunzel*, *Cinderela*, os *Sete Anões*, *A Bela Adormecida*, nos quais o enredo sempre gira em torno do casal que, embora vivencie os conflitos em suas relações, o desfecho é sempre feliz, com uma relação familiar amorosa, destacando-se, na configuração da família, sua característica nuclear, ou seja, a vida conjugal entre homem e mulher, típico dos contos de fadas desse contexto histórico, que traz modelos de famílias representadas pelo marido, esposa e filhos. Conforme

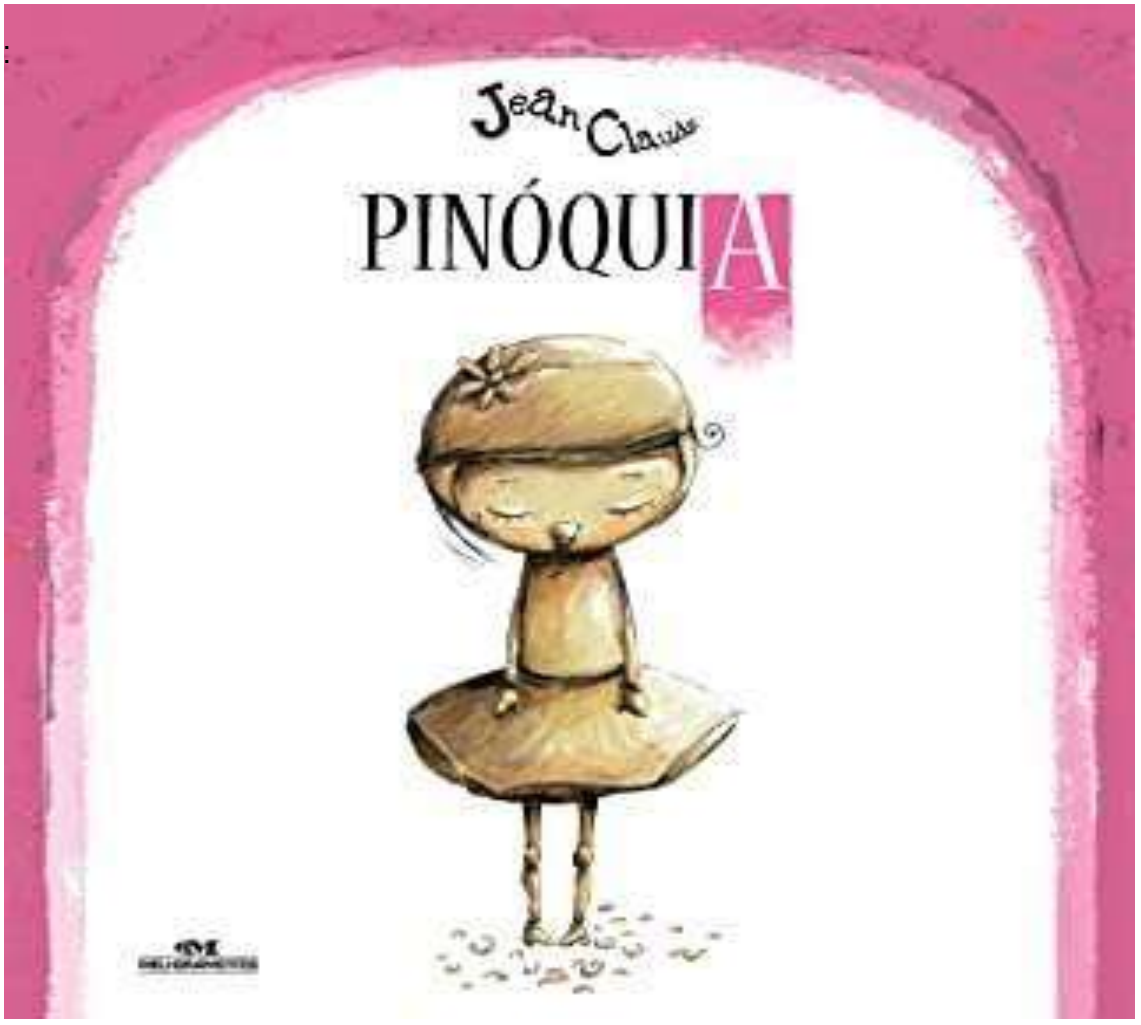
> Os primeiros livros para crianças foram produzidos ao final do seulo XVIII. Antes disso, não se escrevia para elas, porque não existia a ‒infância‖. Hoje as afirmações pode surpreeder, todavia, a concepção de uma faixa etária diferenciada, com interesses próprios e necessitando de uma formação especifica, só aconteceu em meio à Idade Moderna. A mudança se deveu a outr aconteceiento da época: emergencia de uma nova noção de família, centrada não mais em amplas relações de parentesco, mas num nucleo uicelular (ZILBERMAN,2003, p. 15).

Vale pontuar também que, apesar de a obra dar ênfase, inicialmente, em uma relação recheada de perfeição, em seu desenrolar, começa a apontar que um dia isso começa a incomodar o casal - o príncipe e a princesa. Com isso, o autor apresenta que a vida cotidiana sem aventura e sem desafios também não tem graça, ou seja, é importante viver os desafios para que a vida tenha mais sentido, e que a felicidade constante torna-se desinteressante. É preciso ter dias ensolarados, cansativos, alguém que possa atrapalar a vida em família, para que assim a vida possa ter um novo rumo, um sentido diferente.

Conforme Zilberman, (2003) as obras literárias infantins surgiram bem depois das diferentes representações de família, mais especificamente depois que se passou a discutir o conceito de infância, quando começaram a entender que as crianças não eram adultos em miniatura, e precisavam de livros com histórias adequadas para sua idade, com coisas

interessantes relacionadas à sua fase de vida, pois a literatura que existia antes, era bem complexa para esse público. Hoje, a literatura infantil apresenta histórias atrativas com imagens, apresentando o lado mágico e o mundo da fantasia. Ou seja, ‒a criança era, portanto, diferente do homem, mas apenas no tamanho e na força, enquanto as outras características permaneciam iguais‖ (ARIÈS, 1981, p.14). Nesse caso, era necessário que a literatura se adequasse às suas características, valorizando suas singularidades e as necessidades típicas do ser criança.

Figura 2: Pinóquia



Fonte: Google (2023).

O Livro Pinòquia do autor Jean Claude R. Alphen traz a continuidade da história do bonequinho de madeira Pinóquio, um conto de fadas dos clássicos da literatura infantil. Nesse livro, o autor começa fazendo um breve resumo da história de Pinóquio para quem não conhece ou para relembrar as coisas que aconteceram durante a primeira história. Logo, inicia o texto informando que Gepeto não queria que Pinóquio fosse filho único, por isso, ele criou mais um boneco de madeira para ser seu irmãozinho e, como não tinha muita imaginação, deu-lhe o nome Pinóquio Júnior. ‒Gepeto não tinha lá tanta imaginação

para dar nomes e o chamou de Pinóquio Júnior‖ (ALPHEN, 2017, p. 13).

Esse bonequinho também ganhou vida, e apresentava características um pouco diferentes do Pinóquio. Ele era parceiro, alegre e gostava muito de tocar tambor. Com isso, Gepeto viu que deu certo, e que Pinóquio ficou feliz com a família crescendo.

Figura 3: Pinóquio

Fonte: Google (2023).

Em seguida, foi criando mais dois outros irmãos para Pinóquio, sendo um deles uma boneca. Quando essa boneca criou vida, ela era ainda mais diferente dos irmãos, pois ela gostava muito de ir à escola, fazer piquinique e adorava ler. Na sala de aula, ela se destacava muito, sendo sempre participativa e aplicada. Ela gostava muito de fazer as lições escolares, mas, no recreio, era bem tímida, não se socializava com os colegas, não gostava de brincar e ficava sempre reservada em um cantinho lendo.

Figura 4: Pinóquia lendo

Fonte: Google (2023).

Quando os colegas a chamavam para brincar, ela questionava para que brincar se ela estava bem ali com os seus livros, dos quais gostava tanto. Até que um dia apareceram dois bonecos convidando-a para conhecer a terra dos brinquedos, para ela conhecer os brinquedos e brincar muito lá. Mas ela respondeu: –- Para que, se eu já sou tão feliz aqui com meus livros e minhas histórias?‖ Ela não foi. Pinóquia era uma menina boazinha e meiga, devido a isso, apareceu a fada Azul e disse que ela poderia ser uma menina de verdade.

Mas ela logo respondeu: –- Para que, se já sou tão feliz desse jeito que vivo? Ela gostava da família e de estudar, e havia muitas histórias mágicas e muitos lugares legais que visitava, mesmo daquele jeito que ela era. Com isso, logo a Fada Azul entendeu que cabe a cada um decidir como pretende ser sua história e os caminhos que deseja seguir.

Neste contexto, percebe-se o quanto Alphen (2017), no decorrer de sua narrativa, desperta o encantamento pela leitura e por outros temas, como valores da amizade, ingenuidade, gestos de bondade e diversão. Outro ponto é que o autor se utiliza da figura da personagem Pinóquia, a qual cita várias histórias lindas e citações de livros que ela já leu, ou seja, faz uma recontação da história de Pinóquio, que já é um menino com vida e com entendimento das coisas e de como é a infância, as aventuras vividas nessa fase da vida e também sobre a família.

Vale salientar também que a obra mostra uma família que foi crescendo, mesmo sem representação do membro materno (a mãe). Essa representação de família é denominada Monoparental, ou seja, formada por pai e filhos, somente com a presença de um genitor, que é configurado por Gepeto, o pai. Esse modelo de família é bem numeroso em nossa sociedade, tanto há muitos anos como atualmente. Conforme Lôbo (2011), –a família monoparental é composta por apenas um dos progenitores pai ou mãe, sejam quais

forem os motivos desse tipo de formação: morte, divórcio, abandono ou decisão voluntária‖.

Figura 5: A menina inteligente

Fonte: Google (2023).

O autor Ilan Brenmam, no livro *A menina inteligente*, narra um reconto russo. A capa do livro já mostra uma ilustração com um tipo de família que se encaixa nas características da família monoparental, formada pelo pai e filha. Apesar de não apresentar a palavra família, no título do livro, o autor narra uma linda história de família, demostrando amor, respeito, afetividade, confiança e união. Brenman (2016) narra a história de um homem humilde e pobre, que se achava com pouca inteligência e que foi desafiado pela Alteza.

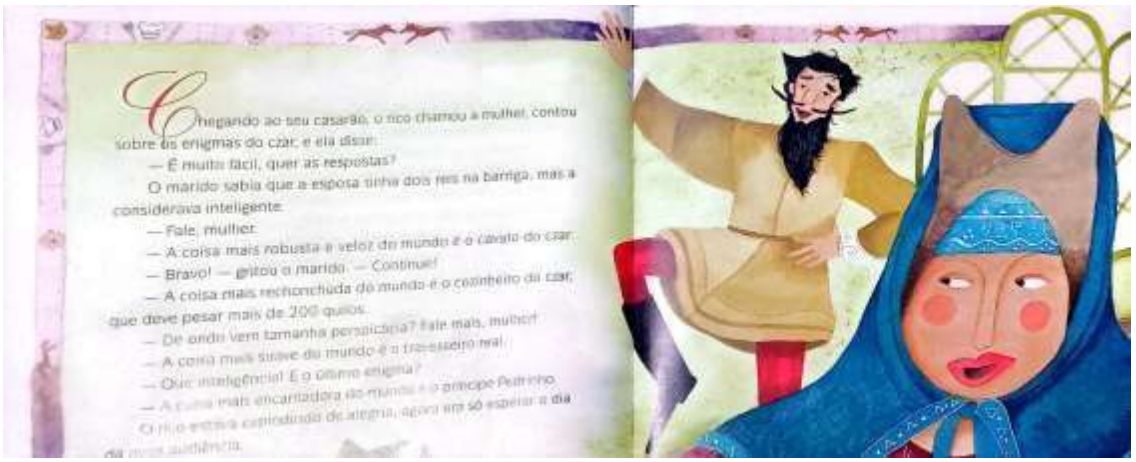
Para decidir com quem iria ficar o potro que havia nascido durate uma viagem em que os dois homens haviam feito juntos, eles precisaram procurar alguum representante da justiça para resolver a situação. O homem rico, dando uma de esperto, queria tomar posse do potro do homem humilde, porque o potro estava embaixo da sua carroça quando ele acordou, mas o homem pobre não concordou e resolveu procurar seus direitos.

Ao chegar ao palácio, a Vossa Alteza, após ouvi-los, propôs enigmas aos dois para decidir com quem iria ficar o potro. O homem rico já se achava vitorioso, pois tinha o rei na barriga. O homem pobre, que se achava pouco inteligente, foi para casa já achando que tinha sido derrotado, pois achava impossível conseguir soluções para aqueles desafios propostos.

O autor apresenta o homem rico como uma família nuclear, ou seja, formada por

marido e esposa, sendo uma família pequena sem filhos, pois não apresenta e nem menciona filhos. Podemos observar nas imagens das páginas 8 e 9, do livro. Além de mostrar a confiança que o marido tinha na esposa, algo narrado por Brenmam (2016, p. 8), quando sinaliza: ‒o marido sabia que a esposa tinha dois reis na barriga, mas considerava inteligente‖.

Figura 6: Conversa entre o marido e a esposa



Fonte: Google (2023).

O homem pobre, ao chegar na sua casa todo tristonho, é recebido pela filha, que logo pergunta o que tinha acontecido. O pai falou toda a história, e principalmente sobre os enigmas propostos pela Alteza. A menina logo encontrou as soluções para todos enigmas propostos.

Segundo o Estatuto da família, a familia monoparental ‒é a entidade formada por um ascendente e seus descendentes, qualquer que seja a natureza da filiação ou do parentesco‖ (BRASIL, 2013, p. 41).

Vale frisar que o autor, nas suas narrativas, apresenta esse modelo de famíla, apesar de não mencionar o motivo da ausência da figura materna. Também fica evidente que a família está sendo apresentada com união, respeito, confiança, parceria, cuidado e muito amor, que são valores que comprendemos ser importantes nos laços familares.

Foram vários enigmas propostos para o homem pobre, e cada um mais desafiador do que o outro, mas a filha, representada pela personagem principal, encontrou soluções para todos eles e ainda desafiava a Vossa Alteza com enigmas ainda mais difíceis. Com isso, a Vossa Alteza ficou encantada com a inteligência da pequena menina. Ele decideu que o potro ficasse com o homem pobre e que o rico ainda pagasse uma indenização ao pobre.

O autor não apresenta a família do Czar, mas narra no final do livro, que a menina

foi acolhida pela família real, e que depois de muitos anos, ela se casou com um dos filhos de Czar e tornou-se, após a morte do soberano, a czarina da Rússia. Com isso, podemos observar que o autor não deixa claro o tipo de família do Czar, se é nuclear ou monoparental, pois não menciona em nenhum momento a figura feminina, nem como esposa e nem como mãe, somente os filhos, quando narra que a menina casou com um dos filhos dele. Outra família é mostrada nas narrativas construídas pela personagem principal e o filho da Vossa Alteza, sendo uma família nuclear sem filhos, pois a autora não mencionou se o casal teve filhos.

Podemos observar que o autor apresenta quatro tipos de famílias durante toda a história. São famílias pequenas e tradicionais e, mesmo sem filho, fica claro que a mulher do rico não trabalha fora do lar, configurando a mulher do lar, outra monoparental, sendo representada pela figura do pai e filha sem presença de mãe ou madrasta, e outra não demostra a quantdade de filhos. As representações de família vão se transformando de acordo com a evolução da sociedade.

A obra recebe o nome *A menina inteligente*, mas em nenhum momento o autor narra que a menina frequenta a escola, sendo que ela está com oito anos e precisa estar inserida em uma instituição escolar, mas, como se trata de um reconto russo, precisamos atentar para o contexto histórico em que o conto foi produzido, pois sabemos que a educação está inserida em vários âmbitos, como o escolar, e também na vida familiar entre outros, como aponta a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB 9394/96) em seu artigo 1º:

> A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais (BRASIL, 1996).

Dessa forma, compreendemos que a formação do indivíduo deveria acontecer primeiramente no âmbito familiar, uma vez que a família é um dos principais agentes educadores, cuja função é repassar a herança cultural e social durante os primeiros anos de vida, preparando a criança para ingressar na sociedade.

> Não só confere normas éticas, proporcionando à criança sua primeira instrução sobre as regras sociais predominantes, mas também molda profundamente seu caráter utilizando vias das quais nem sempre elas têm consciência. A família inculca modos de pensar, de atuaar que se transformam em hábitos. Devido à sua enorme influência emocional, afeta toda a expreriência posterior da criança (LASCH, 1991, p. 25).

Assim, fica evidente o quanto a família é importante na formação das crianças,

inserindo valores, cultura, respeito, responsabilidades, sabedoria entre outros, preparando esses indivíduos para serem cidadãos mais independentes, críticos e participativos da sociedade na qual está inserida.

Figura 7: Filhote de Cruz-Credo: A triste história alegre de meus apelidos

Fonte: Google (2023).

O autor Fabrício Carpinejar, no livro *Filho de Cruz-credo: A triste história alegre de meus apelidos*. Nesta obra, o autor apresenta sua própria história e o bullying que sofreu na infância, tanto na escola quanto na comunidade em que vivia, quase uma autobiografia. Fabrício narra a história com humor, crítica e faz o leitor refletir, demonstrando os problemas que causam o bullying nas pessoas, principalmente na infância que a criança ainda está em desenvolvimento e em construção da sua identidade, e essas ações causam muito sofrimento nas pessoas. Essa prática precisa ser combatida nas escolas e em todos os ambientes em que as crianças e jovens estão inseridos. Por isso, as escolas precisam trabalhar sempre essa temática para combater essas atitudes com projetos e ações. Na época em que o autor viveu o bullying, não existia lei de proteção, somente em seis de novembro de 2015 foi sancionada a Lei 13.185, que instituiu, em seu artigo 1º, o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (Bullying) em todo o território nacional.

Nesta lei, fica evidente a importância do respeito ao próximo, evitando assim a todas formas de violência contra o outro, pois precisamos respeitar e aceitar as diferenças de cada um e que cada ser é único e com características e atitudes diferentes.

Essa obra aborda como temática principal o bullying, mas apresenta também sobre

família e os valores que existem nelas. O autor apresenta uma família nuclear tradicional e pequena, representada pelo pai, mãe e dois filhos, sendo que na imagem de Carpinejar, 2018, p. 5) só aparece um filho, que é Fabrício, e essa imagem representa o pensamento de Fabrício imaginando os pais o admirando quando bebê, além de mostrar uma família unida, protetora e amorosa.

O autor narra nessa cena como a família costumava tratar Fabrício como bonitinho, e com muito carinho, e como ele acreditava naquilo, que era bonito. Mas na escola e na rua em que morava, os colegas eram cruéis e o maltratavam com palavras que causavam sofrimento e insegurança sobre sua beleza. Eram vários apelidos como Cavalinho de Pau, Cara de Morcego, Placenta, Panqueca entre outros.

Para evitar os apelidos e outras chacotas na escola, ele preferia ficar isolado em um cantinho, desenhando sozinho na sala de aula no período do recreio. Quando ele tinha sete anos, em um banho, o chuveiro teve problema e ele teve que tomar banho frio e, como o vidro do banheiro não ficou embasado, ele pode se ver melhor no espelho. Ao ver sua imagem nítida no espelho, tomou um susto, pois achou que era feio mesmo, com a cabeça oval, nariz grande e testa grande, e com características bem diferentes do seu irmão e dos colegas. Com isso, saiu correndo desesperado para a cozinha contar para sua mãe e perguntar para ela se ele era mesmo feio.

A mãe sempre demonstrava que ele não era feio, mas ele não se conformava com o que a mãe falava. A mãe queria protegê-lo, mas não sabia conversar com ele sobre essa situação, tentava contornar a situação falando que ele era bonitinho. Podemos ver isso na figura 8, que mostra uma família bem tradicional e antiga, em que a mãe é a responsável pelas atividades do lar, enquanto o marido trabalha fora de casa, e também a falta de diálogo com a criança, como se não tivesse importância o que ela está demonstrando.

Figura 8: Atividades domésticas da mãe de Fabrício

Fonte: Google (2023).

Diante de tudo que viveu na infância, e com o apoio que sempre teve da família, mesmo com pouco diálogo, Fabrício foi descobrindo que existia um ser bonito, mesmo com suas características sendo diferentes. Com isso, ele foi ficando seguro e até conseguiu ficar com a menina mais bonita da escola. No final da narrativa, o autor demonstra que, diante dos desafios enfrentados, ele conseguiu se fortalecer, se aceitar e construir sua identidade.

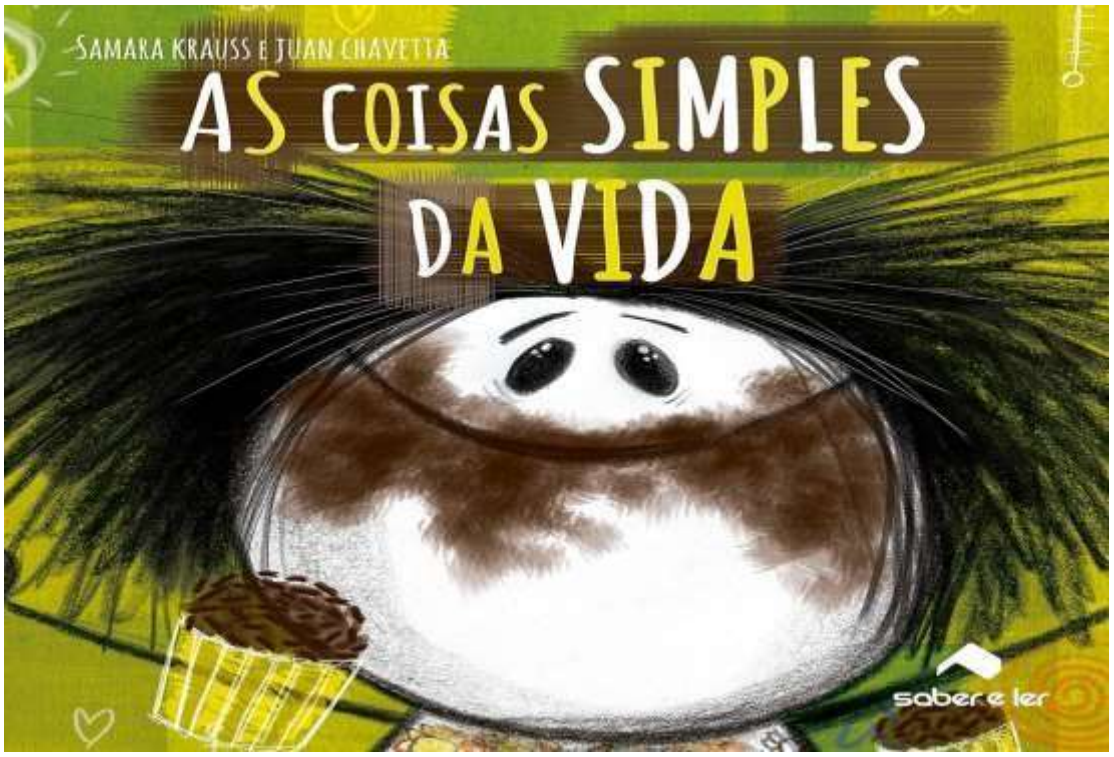
> O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um ‒eu‖ coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas [...]. A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente. (HALL, 2006, p.13).

Dessa forma, pode-se perceber que o ambiente em que o sujeito está inserido, seja o ambiente escolar ou o familiar, pode influenciar muito na construção da identidade do sujeito que, consequentemente, influenciará na educação desses sujeitos, podendo ser uma influência positiva ou negativa de acordo com os valores adquiridos nestes ambientes.

O autor nesta obra propõe aos leitores experiências de pessoas de todas as idades que já sofreram na escola algum tipo de bullying e aprenderam a se defender com inteligência e humor. Esse livro foi lançado em 2006 e, em 2012, foi eleito o melhor livro infanto juvenil pela Associação Paulista de Críticas de Arte (APCA), e inspirou duas peças de

teatro, sendo adaptadas por Bob Bahis (RS) e Eduardo Katz (RJ) e, em 2014, foi gerada uma campanha educacional do Governo do Estado do Rio Grande do Sul contra o Bulliyng, sendo relançado em 2018 pela editora Bertran Brasil, no Rio de Janeiro.

Figura 9: As coisas simples da vida



Fonte: Google (2023)

A autora Samara Krauss narra, nessa obra literária, uma história muito legal sobre as coisas simples da vida, como amizade, abraços, brincadeiras (banho de chuva, nadar, piquenique, queimada), a paixão do personagem principal pela escola e férias escolares, bem como as atividades realizadas entre a família, ponto relevante deste estudo. Sendo assim, já no início da leitura, a autora já nos incita a pensar nessa relação de família com o personagem principal, a menina. A autora retrata na obra o modelo de família nuclear tradicional, ou seja, formada por pai, mãe e filhos, expressando uma relação harmoniosa e contagiante, carregada de valores em diversos trechos da obra apontado por meio da personagem principal, ou seja, a filha. Como por exemplo, ter a mãe como referência ao ponto de vestir suas roupas. ‒E vou confessar, sempre visto as roupas da minha mamãe para ver se fico linda igual a ela.‖ (KRAUSS, 2021, p. 20,21). Nisso, percebe-se os valores das coisas simples da vida, a imitação de um ser que ela tem como referencial, a mãe.

Podemos também notar a relação saudável entre a personagem com os avós. Como podemos ver figura 10, quando uma das meninas menciona que uma das coisas boas da vida é ir para a casa do vovô e da vovó.

Figura 10: Avó com sua neta

Fonte: Google (2023).

Logo, podemos perceber a família em união, em cuidado com a criança e incentivando o prazer pela leitura. Sendo também uma das coisas boas que a autora menciona na página 24, quando diz: ‒- E ler, então... é meu passatempo predileto!‖ (KRAUSS, 2021, p. 25). Como podemos observar na figura 11, em que a personagem está lendo um livro com entusiasmo e, quando narra ‒Posso ser o que quiser e estar em vários lugares sem sair de casa!‖ (Idem, 2021).

Figura 11: Momento de leitura

Fonte: Google (2023).

Nesse sentido, podemos perceber o quanto a autora traz à tona a importância de vivenciar coisas simples, mas que são as mais importantes para tornar uma criança feliz, a exemplo do ato da leitura. Esse tipo de prática de leitura precisa ser estimulado desde muito cedo nas crianças, uma vez que começamos a ler desde quando nascemos. Conforme cita Zilberman (1999), a leitura começou quando a sociedade precisou criar um código reconhecido e aceito por todos, o qual seria usado para operar as relações familiares, sociais e econômicas, ou seja, começamos a ler desde quando nascemos, pois, começamos a decodificar todos os sinais emitidos por todos ao nosso redor.

Logo, a leitura é de suma importância para o aprendizado do ser humano, pois o mesmo adquire através dela, conhecimentos necessários para ampliar o entendimento de mundo, sendo um dos instrumentos essenciais para propiciar o acesso à informação com autonomia ao indivíduo, favorecendo assim, uma boa escrita, porque é um dos meios mais eficazes de desenvolvimento sistemático da linguagem.

Outro ponto, importante narrado pela autora do livro é a representação mais uma vez da relação de uma família tradicional, representada pelo pai, mãe e filha, apontando como uma das coisas boas –dormir agarradinho com meus pais também é uma delícia. Eu amo minha família!‖ (KRAUSS, 2021, p. 35).

Figura 12: Momento em família

Fonte: Google (2023).

Nessa imagem, podemos observar a proteção, o carinho, a união e a felicidade da personagem ao lado dos pais, configurando-se como um modelo de família voltada para a valorização da intimidade e da proximidade, demonstrando valores clássicos voltados ao matrimônio de um homem com uma mulher, potencializando laços de parentesco, ou seja, a família nuclear (pai, mãe e filhos, incluindo duas gerações, com filhos biológicos). Embora antigamente a quantidade de membros familiares fosse bem mais representada, principalmente a quantidade de filhos, com o passar dos tempos, o número de filhos por família foi diminuindo. Nessa linha de pensamento, ‒a família nuclear, formada pelo pai, pela mãe e pelos filhos, sinaliza transformações das relações familiares com a sociedade, pois é uma configuração familiar reduzida, voltada mais para a valorização da intimidade familiar‖ (ARIÈS, 1981, p. 184).

Acerca disso, podemos perceber que a família se configura como um bem maior, caracterizada de valores, onde a grande preocupação é com os filhos, fazendo com que a criança cresça em um lar feliz, repleto de cuidados, carinho e proteção. ‒Toda a energia do grupo é consumida na promoção das crianças, cada uma em particular, e sem nenhuma ambição coletiva: as crianças, mais do que a família‖ (ARIÈS,1981, p. 189).

Logo, percebe-se o quanto na obra *As coisas simples da vida* a autora denotou o conceito de família nuclear tradicional, evidenciando, desse modo, uma multiplicidade de reflexões e concepções relativas à temática, por meio de seus personagens, seja nas suas

relações familiares de afeto, através dos vínculos de parentesco, aliança ou afinidade.

Figura 13: A árvore no quintal

Fonte: Google (2023).

Essa obra apresenta um resumo do diário de Anne Frank, uma menina que tinha oito anos quando escreveu em seu diario os acontecimentos vivenciados em um esconderijo juntamente com sua família em uma fábrica durante uma guerra em Amsterdã. Em frente ao anexo da fábrica onde eles estavam escondidos, havia uma árvore - um castanheiro-da-índia, que a menina observava, bem como tudo o que estava acontecendo e registrava em seu diário. Essa árvore viveu muito tempo naquele lugar e morreu no dia em que Anne Frank completaria oitenta anos e, em homenagem a Anne, as sementes das árvores foram espalhadas pelo mundo, simbolizando a paz.

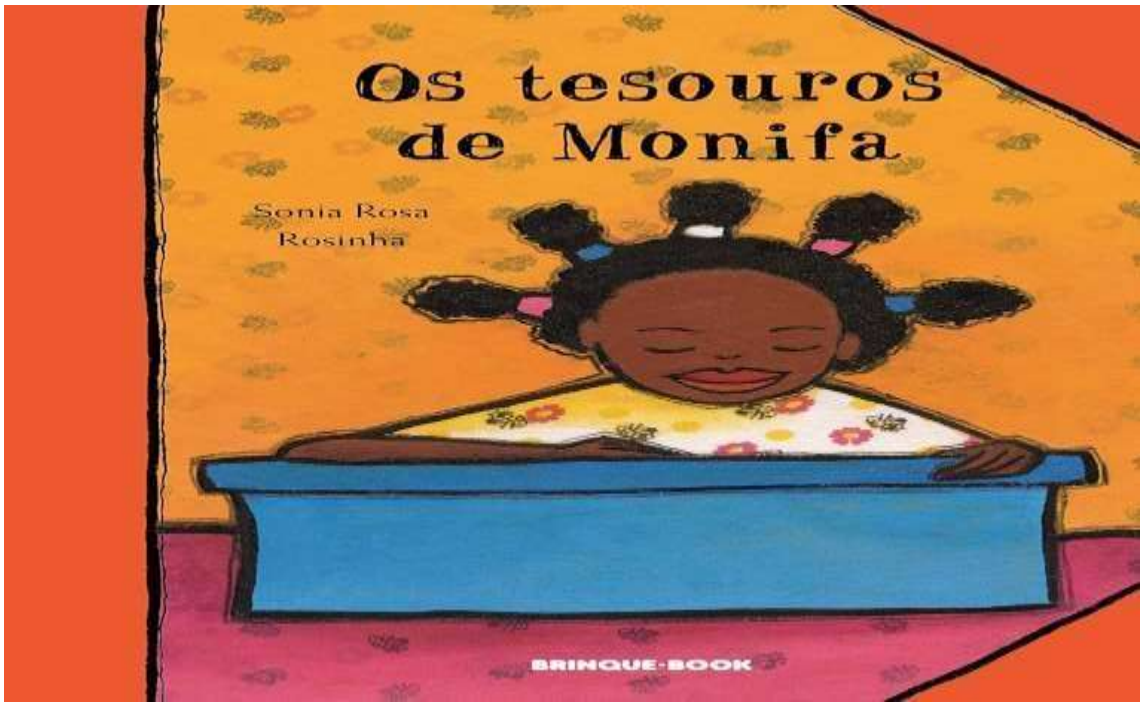
Nessa obra apresenta uma familia pequena nuclear e tradicional, formada por Anne Frank, o pai e a mãe, sendo uma familia estrangeira, pois o acontecimento ocorreu em Amsterdã.

O diario de Anne Frank foi encontrado após a guerra e foi publicado, com isso, as pessoas puderam ter acesso aos relatos observados e vivenciados por uma criança inocente que vivenciou uma trágica guerra, ou seja, um período da sua vida bem ruim. Essa família foi encontrada e levada daquele anexo em que estava confinada para outro lugar e, com isso, a mãe e Anne Frank foram mortas durante a guerra, sendo que somente o pai conseguiu sobreviver e depois da guerra ele voltou ao anexo da fábrica.

A representação da família que aparece na obra é uma família nuclear tradicional. Esse modelo de família é encontrado desde o tempo da burguesia até hoje. Segundo

Runesco (2023, p. 13), ―quanto a família conjugal dita ―nuclear‖ ou ―restrita‖ tal como conhecemos hoje em dia no Ocidente, trata-se da consumação de uma longa evolução no século XVI ao século XVIII.

Figura 14: Os tesouros de Monifa



Fonte: Google (2023).

O livro *Os tesouro de Monifa*, de Sonia Rosa, é um conto através do qual a autora narra a história de uma menina que mora com sua mãe e sua vó Monifa, que era afrodescendente, tendo chegado ao Brasil em um navio negreiro. Sonia, nesse conto, narra a história de uma menina bem curiosa que busca descobrir a história da sua árvore geneológica. Dessa forma, ela busca resgatar a sua história familiar, já que um dos seus desejos era ler uma carta na qual a tataravó conta um pouco de sua história familiar. A tataravó aprendeu a escrever e deixou uma carta como o maior tesouro da sua vida, deixando para os filhos como herança importante, pois ali estava escrita toda história do seu povo.

A família a qual a autora apresenta na narrativa do conto e nas imagens é uma família extensa, pois além de morar a mãe e a filha, que é a personagem principal, a avó também mora nesse lar, mostrando essa família em união, em parceria, com respeito e amor. De acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente, em seu artigo 25, ―entende-se por família natural a comunidade formada pelos pais ou qualquer deles e seus (BRASIL, 1990, p. 04). Dessa forma, nota-se que na obra analisada, o tipo de família representada é uma família extensa, apresentando Monifa, a mãe e a tataravó, um tipo de família bem presente ainda hoje, pois muitas mulheres criam seus filhos com algum tipo

de parente após uma separação ou quando seu parceiro vem a óbito. Essa obra apresenta uma história de mulheres guerreiras que lutavam todos os dias para o sustento do lar, sendo discriminadas pela sociedade.

Figura 15: Tem um dinossauro na minha mochila

Fonte: Google (2023).

No livro *Tem um dinossauro na minha mochila*, o autor inicia a história com alguns questionamentos. Quem fez a bagunça no quarto? Quem derramou tintas na escola? Mostrando que o dinossauro era bem travesso. Mas o livro apresenta uma linda história de um menino com o seu mascote, e demonstra características do desenvolvimento infantil, em que adultos e crianças passam a descobrir o que a imaginação pode proporcionar, viajando pelos traços cativantes de Quentin Gréban. A história revela como fantasias e travessuras fazem parte para colorir a infância com surpresas e alegrias, proporcionando uma reflexão sobre verdades e mentiras de maneira encantadora.

Essa obra traz a representação da família monoparental, composta por mãe e filho, um tipo de família bem comum na sociedade em que estamos inseridos. Conforme Dias (2015, P, 139), o enlaçamento dos vínculos familiares constituídos por um dos genitores com seus filhos, no âmbito da especial proteção do Estado, subtrai a conotação de natureza sexual do conceito de família‖.

Figura 16: O lenhador e a pomba

Fonte: Google (2023).

O livro *O caçador e a pomba*, de Max Velthuijs e com tradução de Marília Garcia, é uma fábula recriada pelo autor a partir de uma história dos Irmãos Grimm, com o obejtivo de fazer as pessoas refletirem e se emocionarem. A história começa com alguns questionamentos como: O que é ter uma boa vida? O que eu preciso ser feliz? São questionamentos que fazem parte dos pensamentos de muitas crianças que têm uma vida mais simples. Dessa forma, o autor trata de alguns dramas que podem existir na mente de muitas crianças, a exemplo da ganância e da insatisfação da vida simples do lenhador, que os proporciona essa imaginação que vai encantar crianças e demostrar que a vida boa está presente nas coisas mais simples que existem.

Nesta obra, o autor narra a história de um lenhador bem pobre, que morava em um casebre com sua esposa, e que era insatisfeito com o que tinha, pois desejava ter algumas coisas para adquerir a satisfação. Um dia, ele estava cortando uma grande árvore no bosque para adquirir dinheiro para comprar alimentos, mas quando sentou um pouco para descansar e com fome, ele observou que ali tiha vários pássaros. Com isso, foi a sua casa e pegou uma espingarda e, ao atirar nos pássaros, todos voaram, ficando somente uma pomba que pousou na espingarda e propôs um acordo ao lenhador. A proposta era que o lenhador não atirasse mais em nenhum pombo e com isso, ela realizaria todos os seus desejos.

Assim foram realizados os desejos do lenhador, que era ter uma casa bonita e com muitos alimentos. Ao voltar para casa, encontrou sua esposa na porta de uma linda casa bem feliz, pois dava para ver o sorriso no rosto dela. A obra mostra somente uma única representação de família que é a do caçador, uma família nuclear. Um casal com comportamentos de família antiga, pois somente o marido é quem trabalha fora do lar, enquanto a figura da mulher é a cuidadora do lar.

Conforme Suyan Ferreira (2013), a família é uma instituição social que está presente na sociedade e em constante mudança, sendo que já existe uma pluralidade de famílias, ou seja, outras configurações para além daquela que apresenta como convencional. Conforme a autora Ferreira (2013), a concepção de família é configurada como a familia nuclear, formada por pai, mãe e filhos. A concepção de família nuclear surgiu com o advento da Revolução Industrial, quando homens e mulheres burgueses buscavam lucros e menores custos.

A família representada pelo autor do livro mostra no início uma família da área rural e bem simples e, com o decorrer do texto, podemos observar que esse tipo de família foi bem antes da Revolução Industrial, pois mostra uma família bem antiga e no final da história, passa a ser uma família Imperial. Antes disso, as famílias eram extensas e muitas viviam em espaco rural.

O autor da obra mostra o lenhador, um homem bem sonhador e que nunca estava satisfeito com o que conquistava. Sua satisfação durava por pouco tempo e logo ele já queria mais. Na narrativa, a pomba realizou quase todos os seus desejos e, quando ela não atendeu ao pedido dele, então ele tentou matá-la, mas nao conseguiu e acabou perdendo tudo o que havia conquistado. Aqui, podemos observar que o personagem é ambicioso e que nunca estava satisfeito com o que conquistava. Nisso, podemos encontrar leitores que apresentam essas características.

> A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como individuos, mas de uma falta de inteireza que é ‒preenchida‖ a apartir do nosso exterior pelas formas das quais imaginamos ser vistos por outros‖. Nesse sentido, partindo do pensamento de Hall (2001), podemos afirmar que as nossas identidades são diversificadas, em constante construção e mutáveis (HALL, 2001, p. 39).

Assim, fica evidente o quanto a identidade pode ser diversificada, uma vez que o sujeito está em constantes trasformações. Podemos observar nessa obra, o quanto a autora explorou essa identidade do personagem principal, que sempre queria algo a mais do que ia conquistando, mostrando uma ambição desmedida e uma busca pelo poder.

Nesse viés, podemos perceber que o modelo de família presente nessa obra demonstra harmonia, cuidado e amor, coisas fundamentais na vida em família, em grupo e em sociedade.

Figura 17: O Caminhão

Fonte: Google (2023).

Esse livro foi escrito pela autora Lucia Hiratsuka, que narra a história de uma menina chamada Marina, suas três irmãs, o pai, a mãe, o avô e a avó, mostrando que toda a família morava no mesmo lar e todos ficavam esperando um caminhão chegar na pequena cidade. A história relata que o caminhão passa por diferentes lugares. A curiosidade é que essa família ficava aguardando ansiosamente esse caminhão chegar à cidadezinha. Também há alguns questionamentos como: O que esse caminhão traz? Por onde passa? Como eram as paisagens? Quais eram os cheiros das coisas que ele trazia? São muitas curiosidades e todos da família aguardavam com muito entusiasmo a chegada desse caminhão. No entanto, a autora não deixa claro o que esse caminhão trazia, motivo pelo qual se estranha o fato de eles ficarem aguardando com tanta ansiedade.

Nesta obra, a autora traz a representação de uma família extensa, tradicional e grande. Mostrando a família em harmonia e todos os envolvidos com a mesma situação, que era a espera do caminhão e o que ele podia trazer. Podemos ver, pela imagem da capa, que as crianças estão em harmonia e demonstrando curiosidade. De acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente,

> Entende-se por família extensa ou ampliada aquela que se estende para além da unidade pais e filhos ou da unidade do casal, formada por parentes próximos com os quais a criança ou adolescente convive e mantém vínculos de afinidade e afetividade (BRASIL, 1990).

Nessa perspectiva, podemos perceber esse modelo de família presente nessa obra, uma família feliz e unida, com cooperação e afetividade presente, como se percebe nas imagens, coisas fundamentais na vida em família.

Figura 18: Flutuantes

Fonte: Google (2023).

O livro *Flutuantes*, de Rosana Rios, narra a história de crianças que aparecem leves e flutuantes como plumas, balões, folhas e vento. É uma história bem criativa e usa bem o mundo da imaginação, o mundo encantado que brinca com toda a cidade, deixando uns adultos sem acreditar no que estava vendo. Outros curtiram a magia e crianças e adultos na cidade começaram a flutuar.

Essa história deu início à imaginação da autora, quando ela viu, um dia, uma mãe levando uma criança às pressas para a escola, fazendo com que ela corresse mais para acompanhar a mãe.

Rosana deu nome a esse personagem de Matheus, um menino que não conseguia acompanhar sua mãe andando, então, a autora narra e coloca a imagem de Matheus flutundo enquanto a mãe o arrastava pelo braço, sem perceber o que estava acontecendo. Logo após, as crianças viram e perceberam que também podiam voar.

Essa obra fala sobre alguns momentos em família, como na escola, ao mencionar que a diretora, indignada com a novidade, ia reunir os pais para proibir essa conduta das crianças de flutuarem. Na narrativa, a autora fala sobre famílias, mas não aparecem muitas configurações de família. Thaiana pertence a uma família nuclear, porém não mostra imagem da família completa com outros membros, somente ela com o pai. Assim, ‒o enlaçamento dos vínculos familiares constituídos por um dos genitores com seus filhos, no âmbito da especial proteção do Estado, subtrai a conotação de natureza sexual do conceito de família‖ (DIAS, 2015, p. 139). Quanto à família de Matheus, aparece somente ele e a mãe, e não menciona a figura do pai nem dos irmãos, podendo ser uma família monoparental ou nuclear.

Conforme o Estatuto da família, a família monoparental ‒é a entidade formada por um ascendente e seus descendentes, qualquer que seja a natureza da filiação ou do parentesco (BRASIL, 2013, p. 41).

Seja qual for o tipo de família, o importante é viver em harmonia, com atenção,

respeito, dignidade e muito amor, coisas que a autora apresentou no livro sobre essa temática, sendo que a ênfase maior foi a aventura de fazer crianças e adultos flutuarem.

Figura 19: Quero abraço, o que é que eu faço?

Fonte: Google (2023).

Esse livro é de autoria de Jeanne Willis e Tony Rosse, com tradução de Ana Maria Machado. Nessa obra, é narrada a história de uma lesminha que já aparece na capa com sua mãe, com quem ela mora e por quem ela demonstra um amor enorme. Os autores já deixam claro no título do livro o que a personagem principal queria da sua mãe. Quero um abraço o que é que faço? A lesminha setia desprezada por não ser abraçada por sua mãe. Vivia se questionando e perguntando a todos os bichos que encontrava.

Ela vivia se questionando sobre sua aparência, o fato de ser gosmenta e nojenta, entre outras coisas, além de sair perguntando aos animais que encontrava. Cada um dava uma sugestão e ela acabava seguindo as sugestões dos animais. Com sso, mudou sua aparência que ficou irreconhecível. Quando ela chegou em casa, foi logo se apresetando para a mãe e logo a mãe falou que ela não precisava mudar, pois ela a amava do jeito que ela era, e que tinha sentido muito sua falta, que estava com saudades, dando-lhe um beijinho, e dizendo que não abraçava porque nao tinha braços, mas que a amava. Dessa forma, ela descobriu o que bastava para ela ser amada e feliz.

Os autores desse livro apresentam uma família monoparental, formada pela mãe e a filha, que é a personagm principal, e mostra a importância do amor e do diálogo nas relações familiares, pois fica claro que a lesminha não pergunta à mãe sobre o porquê de não gostar de ser abraçada, mas preferiu buscar informações com outros bichos, que

muitas vezes não estão aptos em ajudar e sim desviar de conduta. Dessa forma, fica evidente que precsa existir mais diólogo entre as famílias, além de confiança e amor. Conforme Lôbo (2011), a família monoparental é composta por apenas um dos progenitores pai ou mãe, sejam quais forem os motivos desse tipo de formação: morte, divórcio, abandono ou decisão voluntária.

Assim, essa representação de família é bem extensa no Brasil e, segundo os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, no censo de 2010, foi a configuração de família com maior índice, sendo de 87,4 % formada pelo cônjuge e filhos.

Figura 20: Minha vida em duas casas

Fonte: Google (2023).

O livro *Minha vida em duas casas* é de autoria de Fernanda Vernilo e Viviane Marques. Essas autoras apresentam a história da vida de uma criança que vive em duas casas com pais separados, trazendo alguns esclarecimentos acerca dessas experiências vivenciadas, e pontuando que é preciso ser honesto com a criança, falando sempre a verdade sobre as modificações vividas na família, provocadas com a separação, e que a opção pela separação é uma forma respeitosa de as pessoas tentarem ser felizes de maneiras diferentes. Esse esclarecimento é importante para a criança que, neste momento, precisa de apoio e confiança. O livro apresenta o tema da separação de forma leve e sincera, para que os filhos entendam as modificações e ajudem e consigam viver bem mesmo com os pais separados. A representação dessa família é composta, puriparental ou

composta tradicional com pais separado e, segundo Dias (2015, p.141), trata-se de uma formação familiar cuja ‒estrutura familiar é originada no matrimônio ou união de fato de um casal, no qual um ou ambos os integrantes têm filhos provenientes de um casamento ou relação prévia‖.

Nesse sentido, podemos perceber como é composta essa configuração de família, uma vez que os filhos passar a conviver em dois lares e precisam viver com respeito, amor e dignidade em cada lar, com os novos integrantes da família.

As autoras desse livro trazem uma forma bem didática de como abordar essa temática na escola, pois muitas vezes há crianças vivenciando essas situações e precisam ser ouvidas e compreendidas. Desde os anos 70 que essa configuração de família foi aumentando, principalmente com o surgimento da lei do divórcio, quando algumas mulheres começaram a adquirir alguns direitos, como trabalhar fora do lar, decidir sobre a vida com o companheiro, quantidade de filhos entres outras conquistas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após este breve percurso analítico sobre treze obras literárias infantojuvenis que tematizam a família do PNLD, disponibilizadas para escolas públicas, algumas observações foram realizadas, a fim de se compreender as diferentes configurações familiares presentes nas obras.

A literatura é uma ferramenta importante para trabalhar diversas temáticas, inclusive sobre família, de grande valia na vida de muitas crianças, apesar de infelizmente algumas não terem, tendo que morar em abrigo por diversos fatores.

Através da literatura, podemos explorar a criatividade, a criticidade, a imaginação, o conhecimento e a paixão pela leitura, pois os escritores proporcionam muitas historias extraordinárias de acordo com cada idade, ou seja, tendo história para todo o público infantouvenil.

Das treze obras selecionadas que foram analisadas sobre as representações das famílias, ficou evidente que em todas elas apareceram a temática sobre família, e essas famílias eram representadas com união, respeito, cooperação e muito amor, ou seja, um protegendo e cuidando do outro. Mas, infelizmente, não foi contemplada toda a diversidade de famílias que existem na nossa sociedade, tendo sido encontradas quatro representações. Em seis das obras analisadas aparece a família nuclear, em seis a monoparental, em três, famílias extensa e em uma, a família composta ou puriparental.. Houve livros que apareceram mais de um tipo, como no caso do livro *Felizes quase sempre* e *A menina Inteligente*..

As escolhas dessas obras seguem critérios de avalição e de políticas públicas e, os que avaliam e aprovam, enviam para que os professores das escolas públicas façam suas escolhas. Seria necessário que todas as configurações de famílias estivessem presentes na literatura, proporcionando assim a contemplação de todas elas, uma vez que nas nossas escolas e na sociedade de modo geral, essas configurações são contempladas.

Assim a literatura se configura como um meio propício para reflexão e debate sobre várias temáticas culturais e sociais, a exemplo da família, pois através de histórias pode-se construir um indivíduo curioso, crítico, intelectual e participativo na sociedade.

Entre as centenas de obras selecionadas do PNLD literário 2018, mesmo com a relevância das obras, consideramos a necessidade de ampliação do número de livros com a temática apresentada, contemplando todas as representações de famílias existentes na nossa sociedade atual.

Vale ressaltar que a escolha das obras por parte da equipe técnica, não garante que elas cheguem às escolas. É preciso considerar possíveis resistências no meio editorial do

edital em relação a alguns tipos de famílias, algo que pode dificultar a oferta. Além disso, a seleção dos livros é feita também por dirigentes e professores a partir do contexto e necessidades das escolas. É preciso que os profissionais de educação em todas as áreas valorize a literatura e a temática abordada, além de muitas outras questões.

Percebeu-se também que, apesar de todas mudanças surgidas nas últimas décadas no que diz respeito ao tema família, ela continua mantendo o papel essencial de organizadora da sociedade.

Em suma, torna-se interessante para futuras pesquisas, investigar as diferentes representações de família presentes na sociedade, de modo que as crianças e adolescentes possam sentir-se contemplados e compreendam que suas famílias não são inferiores, apenas diferentes.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, Sônia Maria da Silva. MOTA NETO, João Colares da. Ed u c a ç ã o & Linguagem • v. 15 • n. 26 • 118-136, jul.-dez. 2012 ISSN Impresso:1415-9902 • ISSN Eletrônico: 2176-1043 Obs. Essa última bibliografia peguei aqui nesse link file:///C:/Users/Vania/Downloads/3487-9710-2-PB%20(2).pdf

AZEVEDO, Francisco. **O Arroz de Palma**. 20° ed. Rio de Janeiro. Record, 2018

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular.** Ministério da Educação. Brasília, 2017.

BRASIL. **Estatuto da criança e do adolescente**. Senado Federal. Brasília: 2005.

BRASIL. Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da República.

CANDAU, V. M. diferenças culturais, cotidiano escolar e práticas pedagógicas. Currículo sem Fronteiras, v. 11, n. 2, p. 240-255, jul./dez. 2011. Disponível em: <http://www.curriculo sem fronteiras.org/vol11iss2articles/candau.pdf>. Acesso em: 02 nov. 2021.em 15h.

CANDIDO, Antonio. O direito à Literatura. In: **Vários escritos**. 5.ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.

CEVASCO, Maria.Elisa. **Dez lições sobre estudos culturais**. São Paulo: Boitempo, 2003.

COSTA, Marisa Vorraber. SILVEIRA. Rosa Hessel, SOMMER. Luis Henrique. Estudos culturais, educação e pedagogia. **Revista Brasileira de Educação**. 2003. Disponivel em: https://www.scielo.br/j/rbedu/a/FPTpjZfwdKbY7qWXgBpLNCN/?lang=pt&format=pdf. acesso: em 28 de out. 21h. 2021.

DIAS, Maria Berenice. **Manual de direito das famílias**. 11. ed. rev. atual. ampl. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2016.

ESCOSTEGUY, Ana. Carolina. Damboriarena. **Estudos Culturais:** uma introdução. In: SILVA, Tomas Tadeu da.(org.) O que é, afinal, Estudos Culturais? Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 133-166

FERRARI, M.; KALOUSTIAN, S. M. A importância da família. In: KALOUSTIAN, S. M. (Org.), Família brasileira: a base de tudo. 5.ed. São Paulo: Cortez: Brasília, DF: UNICEF, 2002.

FOUCAULT, Michel**. Microfísica do poder**. 24ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 2007..

HALL, Stuart, (1996). Cultural studies and its theoretical legacies. In : MORLEY, David, KUAN-HSING, C., (eds). Stuart Hall – critical dialogues in cultural studies. London; New York: Routledge Retirar.

HALL, Stuart. **A identidade cultural da pós-modernidade**. São Paulo: DP&A, 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001

KELLNER, D. **A cultura da mídia**. Bauru, SP: EDUSC, 2001MEYER, Dagmar

Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves. ‒Metodologias de pesquisa pós-críticas ou sobre como fazemos nossas investigações‖. In: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves (Orgs.). Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012. p. 17-24.

MAGALHÃES, Joanalira Corpes. Discutindo pedagogias culturais e representações de gênero. **Revista Saber Com**. Universidade Federal do Rio Grande (FURG). 2012. Disponível em;:http://www.sabercom.furg.br/bitstream/123456789/1716/1. Acesso em: 30 de out. 2021.

MOTTA, Manoel Barros da (Org.) Tradução: Vera Lucia Avellar Ribeiro. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

NUNES, Luciana Borre. **As imagens que invadem as salas de aula:** reflexões sobre Cultura Visual. São Paulo: Ideias & Letras, 2010.

OLIVEIRA, Euclides. **União estável do concubinato ao casamento**. 6 ed. São Paulo: Método, 2003.

PARAISO, Marlucy Metodologias de pesquisa pós-criticas em educação e currículo. In: MEYER. Dagmar & PARAISO, Marlucy. **Metodologias de pesquisa pós-criticas em educação**. Belo horizonte: Mazza, 2012, p. 23-52.

PIAGET, J. A Construção Do Real. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

OLIVEIRA, , Nayara Hakime Dutra. Recomeçar: família, filhos e desafios [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. 236 p. ISBN 978-85-7983-036-5. Available from SciELO Books. Disponível em: http://books.scielo.org/id/965tk/pdf/oliveira-9788579830365-03.pdf. Acesso em: 02/de julho/2023.

ROUDINESCO, Elisabeth. Tradução: Jorge Zahar. **A famíla em desordem**. Rio de Janeiro, 2023.

SAMARA, Eni de Mesquita. **A família brasileira**. São Paulo: Editora Brasiliense S. A., 1983.

SILVA, T. T. da. **Teoria cultural e educação:** um vocabulário crítico. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

STEINBERG, Shirley R; KINCHELOE, Joe L. Sem segredos: Cultura Infantil, saturação de informação e infância pós-modernda. In: **Cultura infantil:** a construção corporativa da infância. Shirley R. Steinberg, Joe L. Kincheloe (Orgs.). Tradução de George Eduardo Japiassú Bricio. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. p. 9-52.

STEFFEN, Lauren; HENRIQUES, Mariana; LISBOA FILHO, Flavi. Análise cultural-midiática como protocolo teóricometodológico de pesquisas em comunicação. **Intercom**, São Paulo, v. 43, n. 3, p. 21-39, set./dez., 2020.

TORRES, Aimbere Francisco. Adoção nas relações Homoparentais. Ed. São Paulo: Atlas, 2009. P. 23).

ZILBERMAN, R. **A literatura infantil na escola**. São Paulo: Global, 2003.

FONTES DAS OBRAS ANALISADAS

PRATA, Antônio. ***Felizes quase sempre***. Editora 34. Ilustrações: Laerte. São Paulo, 2018 (3ª edição).

ALPHEN, Jean Claude R. **Pinoquia**. Editora Livraria Ltda. Ilustações: Jean Claude R. Alphen. São Paulo, 2018.

BRENMAN, Ilan. **A menina inteligente**. Editora Folia de letras, ilustração: Adriana Keselman.1ªedição. 2016.

CARPINEJAR, Fabricio. **Filho de Cruz-Credo**. Editora Bertrand Brasil. Ilustração: Sandra Lavandeira. Rio de Janeiro. 2018 (2ª edição)

KRAUSS, Samara. **As coisas simples da vida**. Editora Saber e Ler. Ilustração São Paulo. 2018.

GOTTESFELD, Jeff. Tradução: AGUIAR, Luiz Antonio. **A árvore no quintal**. Editora: Galera Record. Ilustração: Peter MaCarty. Rio de Janeiro. 2017 (1ª edição**).**

ROSA, Sonia. **Os tesouros de Monifa**. Ilustração: Rosinha. São Paulo. Editora. Brinque-Book. 2018.

Gréban, Quentin. Tradução FALEIROS, Álvaro. **Tem dinossauro na minha mochila.** Editora. Berlendis & Vertecchia. Ilustração: Faleiros Alvaro. São Paulo. 2018

HIRATSUKA, Lucia. **O caminhão.** Editora. Cortez. Ilustração: Lucia Hiratsuka. São Paulo. 2017.

WILLIS, Jeanne, Ross Tony**. Quero um abraço o que faço?.** Tradução: Ana Maria Machado. Editora: FTD. São Paulo. 2015 1ª edição.

RIOS, Rosana. **Flutuantes**. Editora: Farol Literário. Ilustração: Ianah Maia. São Paulo. 2015 (1ª edição).

VETHUJS, Max. O lenhador e a pomba. Tradução: Marilia Garcia. Editora: Paz & Terra. 2014 (2ªedição).

VERNILO, Fernanda. MARQUES, Viviane**. Minha vida em duas casas.** Editora: Coleção conto com você. Ilustração: Gabriela Emmerich. 2020.